

Nº4 JULHO
ANUAL
€ 4.90

revista
dois



5 11207727 1 00004

o mundo é o nosso campus universidade do algarve

África do Sul Alemanha Angola Argélia Argentina Austrália Áustria Azerbaijão Bangladeche Bélgica Bielorrússia Bolívia Bósnia-Herzegovina Botsuana Brasil Bulgária Butão Cabo Verde Camarões Camboja Canadá Cazaquistão Chéquia Chile China Chipre Colômbia Costa Rica Croácia Cuba Curaçau Dinamarca Domínica Egito El Salvador Equador Eslovénia Espanha Estados Unidos da América Estónia Etiópia Filipinas Finlândia França Gana Geórgia Grécia Guatemala Guiné-Bissau Honduras Hong Kong Hungria Índia Indonésia Irão Irlanda Israel Itália Japão Jordânia Kosovo Líbano Lituânia Luxemburgo Malta Marrocos México Mianmar Moçambique Moldávia Mongólia Montenegro Nepal Nigéria Noruega Nova Zelândia Omã Países Baixos Palestina Panamá Paquistão Peru Polónia Portugal Reino Unido República Dominicana Roménia Ruanda Rússia São Tomé e Príncipe Senegal Sérvia Singapura Síria Somália Sri Lanka Sudão Suécia Suíça Taiwan Tajiquistão Tanzânia Timor-Leste Togo Tunísia Turquia Ucrânia Uruguai Usbequistão Venezuela Vietname Zimbabué

117 nacionalidades

2312 estudantes estrangeiros

10683 estudantes inscritos 2024/25



Somos feitos de misturas

Neste número 4 da DOIS, há gente do Sudão, de Cabo Verde, do Reino Unido, da China, da Rússia, da Ucrânia, da ex-Jugoslávia, de Angola, da Índia, de França, da África do Sul, do Nepal, do Brasil, da Alemanha, de Portugal. E nem poderia deixar de ser assim já que o tema deste ano da DOIS é o Multiculturalismo.

Num tempo de atitudes e sentimentos tão extremados, em que há quem queira esconder debaixo do tapete o facto de nós, Portugueses, sermos uma mistura de muitos povos, de muitas gentes, de muitas culturas, tradições, religiões, gostos, cores de pele, de olhos e de cabelos, quando começámos a pensar neste número 4 da DOIS, definimos que o tema seria a Multiculturalidade.

Eu, que nasci em Lisboa, filha de mãe transmontana e de pai ribatejano, que tenho um irmão angolano e um filho algarvio – e que me sinto e sou algarvia! – há muito que aprecio esta mistura saudável que se vive cá pelos Algarves. É uma mistura que, pelo menos a alguns de nós, nos faz ter uma visão diferente em relação ao mundo, porque já por aqui nos habituámos a ver gente diversa.

Nas diversas reportagens, no perfil, na entrevista de fundo, fomos falar com gente que, tendo nascido noutras paragens do mundo, vive agora no Algarve e se esforça por torná-lo uma região melhor e mais próspera – sejam pessoas das mais variadas nacionalidades que para aqui vêm em busca de trabalho ou de paz, sejam estrangeiros endinheirados, que não se consideram imigrantes, mas expats, sejam até portugueses de outras partes do país.

As suas histórias, as suas vivências, os seus desafios passam pelas páginas desta DOIS.

As habituais crónicas, uma escrita por uma mulher de cultura brasileira há muitos anos residente no Algarve, a outra da autoria de uma ilustre bombarralense, que escolheu a região algarvia para viver e trabalhar, também têm a ver com este tema transversal.

E até na nossa habitual secção dedicada ao life style privilegiamos sobretudo o muito que temos de influências externas.

Muitos assuntos ficaram por tratar, não tenho dúvidas. Mas, nas 100 páginas desta DOIS, não cabia mais nada.

Quanto à capa, é produto do talento e da generosidade do XANA, artista plástico nascido em Lisboa, mas que há quatro décadas escolheu viver em Lagos. É ele também a figura escolhida para a nossa entrevista de fundo. Já sei que agora vou escrever uma enormidade, mas aí vai: será que há algo mais influenciado pela multiculturalidade do ser humano que a Arte?

ELISABETE RODRIGUES
DIRETORA

PROPRIETÁRIA/EDITORIA
Página em Branco – Associação de Comunicadores e Jornalistas Independentes
Guelhim, Caixa Postal 45A
8005-489 Faro
geral@revistadois.pt
Tel.: 289 091 810
NIPC: 513315659

TITULARES DOS ÓRGÃOS SOCIAIS

Mesa da Assembleia-Geral
Presidente: Gonçalo Duarte Gomes
Vice-Presidente: Nuno Costa
Secretária: Margarida Santos
Secretário: Pedro Lemos

Direção
Presidente: Leila Leiras
Vice-Presidente: Hugo Rodrigues
Secretário-Geral: Pedro Duarte
Vogal-Tesoureiro: José Brito
Vogal: Maria Elisabete Baptista

Conselho Fiscal
Presidente: Filipe Bally Jorge
Secretária-relatora: Cristina Batista Rodrigues
Vogal: Mariana Carriço

revista
dois

DIRETORA
Elisabete Rodrigues

EDITOR
Pedro Lemos

TEXTOS
Hugo Rodrigues
Pedro Lemos
Mariana Carriço
Elisabete Rodrigues
Edgar Pires

FOTOGRAFIA
Beatriz Bento
Mariana Carriço
Pedro Lemos
Hugo Rodrigues
Elisabete Rodrigues

CAPA
Xana

CRÓNICAS:
Tela Leão
Adriana Nogueira

EQUIPA DE DESIGN
KOR Creatives
Marta Borges (Layout, Paginação e Ilustração)
Patrícia Neto (Coordenação e Direção Criativa)

DEPARTAMENTO COMERCIAL
Leila Leiras

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E SERVIÇOS COMERCIAIS
UAlg Tec Start
Campus de Gambelas, Pavilhão G15
8005-139 Faro

IMPRESSÃO
Jorge Fernandes Lda
Rua Quinta Conde de Mascarenhas,9
2820-653 Charneca da Caparica

DISTRIBUIÇÃO
Vasp MLP, Media Logistics Park,
Quinta do Grajal, Venda Seca
2739-511 Aqualva-Cacém
Tel.: 214337000

PONTOS DE VENDA
contactcenter@vasp.pt
Tel.: 808206545

TIRAGEM
5000 exemplares

PERIODICIDADE
Anual

REGISTO NA ERC
127868

DEPÓSITO LEGAL
506288/22

ISSN
2975-8076

ESTATUTO EDITORIAL
www.revistadois.pt

índice

6 GENTE
Entrevista
Xana



6-20

24 Reportagem
O mundo cabe
nestas salas de aula

36 PALAVRA
Crónica
As Caixinhas
da Inclusão

38 Reportagem
O Algarve escolheram,
ao Algarve retribuem



48-57

48 Reportagem
Quando o desporto
os faz ficar



68-71

58 PALAVRA
Crónica
Do que é que
nos esquecemos?

60 PERFIL
Reportagem
David Thomas,
ao serviço da Coroa
e dos Algarves

68 VIDA
Onde comer
Uma viagem à Índia
sem sair de Albufeira

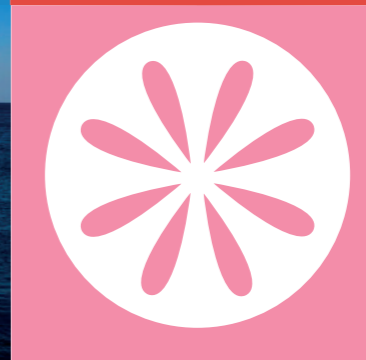
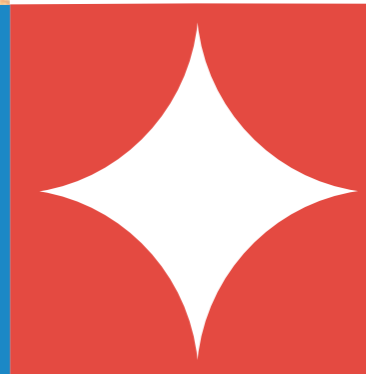
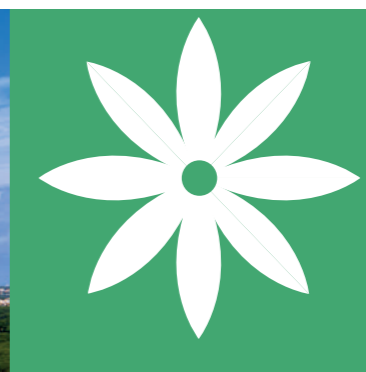


38-46

72 VIDA
Onde comer
94 Onde ficar
Onde comprar
O que fazer

Albufeira

faz parte da sua vida





FOTOGRAFIAS:
BEATRIZ BENTO

TEXTO:
ELISABETE RODRIGUES

Capacidade de os artistas sonharem para lá do quotidiano dá-nos esperança

Xana, ou seja, Alexandre Alves Barata, confessa que veio da sua Lisboa de origem (onde nasceu em 1959) para Lagos, no Algarve, nos anos 80, para encontrar a paz e as condições para o seu trabalho de artista visual, que não encontraria na capital.

Apesar de há pouco mais de meia dúzia de anos ter voltado a residir em Lisboa, mantém uma intensa ligação, até artística, à região algarvia.

Artista empenhado em melhorar o mundo, não vira as costas aos problemas atuais. É que, defende nesta entrevista, «os artistas têm de trazer novas ideias, têm de construir um mundo diferente».

A entrevista teve lugar no LAC – Laboratório de Actividades Criativas, em Lagos, associação que ajudou a fundar, com outros artistas.

Como é que um lisboeta vem parar a Lagos, em 1984, logo depois de concluída a licenciatura em Belas Artes, em Lisboa?

Isso aconteceu porque, na altura, quando acabei a licenciatura, tinha como projeto ser artista e não ir dar aulas.

Era um projeto um pouco utópico, mas os artistas foram feitos ou existem para tentar lutar por utopias, por sonhos. E eu, na altura, sonhei que, acabando a escola de Belas Artes em Lisboa, a estratégia mais realista seria irmos viver para Lagos, onde os meus pais tinham uma casa de férias. Era menos uma despesa.

Foi um ato um pouco louco, mas a minha mulher também é escritora, também é da área das artes. Éramos muito miúdos, tínhamos 24, 25 anos, e pensámos: vamos tentar



seguir o nosso sonho na área artística e temos menos uma despesa.

Eu já conhecia Lagos de férias, porque os meus pais tinham cá casa. Procurando na memória quando é que vim a primeira vez para Lagos, penso que deve ter sido por volta de 1968, passámos umas férias nos apartamentos da Aquazul. Até que, em 1973, o meu pai comprou uma casinha de pescadores ali no centro histórico de Lagos. Estávamos ainda nos princípios de turismo mais sério aqui na região.

Eu vinha cá sempre, nas férias da Páscoa, vinha no Verão. Enquanto estudante universitário, já vinha com os amigos. Esta relação com Lagos foi crescendo, por isso, quando acabei o curso, pensei: olha, vamos fazer esta experiência de viver em Lagos com pouco dinheiro. E, na altura, vivia-se com 20 contos.

Lembro-me de que era mais ou menos o dinheiro que nós tínhamos. Com 20 contos conseguia-se sobreviver não pagando renda. E fazendo pequenos biscates também. Lembro-me de, na altura, ter trabalhado com o [escultor e ceramista] Jorge Mealha, que já era um artista que vivia do seu trabalho. Ele trabalhava com a Galeria de Almancil e, às vezes, precisava de alguma ajuda e eu ia lá encher uns potes de cerâmica...

Íamos gerindo assim o dinheiro e íamos comprar peixe-aranha ao mercado. E com pouco dinheiro íamos vivendo e, no fundo, sendo felizes, porque não é preciso muito dinheiro, é preciso é ter um projeto e esse projeto era um projeto artístico. Nós íamos conseguindo.

Aqui em Lagos, quando chegaste, já havia uma comunidade artística, nessa altura ainda cá estava o João Cutileiro, havia o Joaquim Bravo, a Vera Gonçalves, enfim, havia outros artistas que, no fundo, tinham trazido uma lufada de ar fresco a Lagos. Como é que te integraste nesse meio?

Não foi imediatamente, até porque o João Cutileiro e o Joaquim Bravo eram da outra geração, mais velhos. Por acaso, eu tinha um colega de Escola de Belas Artes, que era um escultor, o José Esteves, que trabalhava com o Cutileiro e, na altura, apresentou-me, ainda fui algumas vezes falar com ele. Mas quando eu venho, em 84, para Lagos, o João

Cutileiro estava a sair de Lagos.

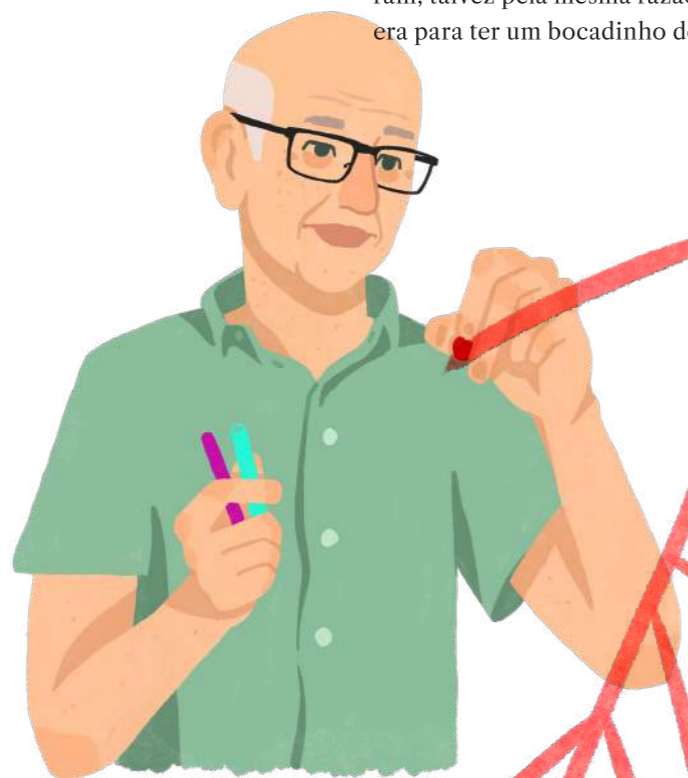
Ainda tivemos uns contactos, breves, e depois vim a ser muito amigo do filho dele, do Tiago Cutileiro, que se manteve aqui em Lagos durante algum tempo. Aliás, o Tiago Cutileiro está aqui também na génese da LAC, também é um dos sócios fundadores.

Fiquei muito amigo do Joaquim Bravo, depois até trabalhávamos com a mesma galeria em Lisboa, e até à morte dele, até 1990, íamos conversando, chegámos a fazer viagens a Madrid, à ARCO.

Também conheci a Vera Gonçalves, a escultora, que depois esteve envolvida no nascimento da LAC, do projeto da cadeia, isto é por aí em 1995.

Eu andava um pouco isolado, era a tal história do artista que tenta trabalhar um bocadinho fora do contexto, conhecia poucas pessoas e fui-me integrando muito lentamente. Talvez através das minhas filhas que nasceram cá, fui-me integrando, fui conhecendo pessoas, fui-me integrando na cidade. Mas havia aqui, de facto, um ambiente propício à criação, que levou a muita coisa.

Foi nesse âmbito que surgiu o Centro Cultural de Lagos, que, em termos de estrutura ligada a uma Câmara, foi o primeiro do seu género a funcionar no Algarve e a ter uma programação de artes plásticas muito consistente.



Tu estiveste, desde o início, na programação dessas exposições do Centro Cultural de Lagos?

Por volta de 1992, apercebi-me de que existia um edifício que era preciso inaugurar, que era o Centro Cultural de Lagos, mas que, na altura, a própria autarquia não sabia muito bem o que é que queria fazer com aquilo.

Foi um projeto que se foi arrastando, houve dinheiro da CEE para a construção, mas era para ser uma biblioteca, com uma sala de exposições, de concertos. Mas ninguém sabia bem o que fazer com aquele edifício.

E, numa conversa informal com o arquiteto Mário Martins, ele disse: tu tens umas ideias, queres apresentá-las? O Mário Martins apresentou-me ao presidente da Câmara, que na altura era José Valentim, e, nessas conversas, surgiu a hipótese de, aproveitando os contactos que eu tinha em Lisboa, fazer uma programação, fazer uma experiência.

E foi assim que, durante uns anos, estive à frente da parte de exposições do Centro Cultural, onde tentei fazer uma ligação ao mundo da arte contemporânea em Portugal, trazendo os principais artistas a Lagos, mas também apresentando os artistas que cá trabalhavam.

Era uma comunidade de artistas que cá se estabeleceram, talvez pela mesma razão que eu vim para Lagos, que era para ter um bocadinho de sossego, de espaço para

“

Acho que a função dos artistas, se têm alguma, é essa capacidade de sonhar

”

trabalhar, de contacto com a natureza, enfim, um projeto um bocadinho, como é que lhe hei-de chamar? Até, sei lá, hippie (risos).

Aliás, isso é uma tendência geral que se prolonga até hoje, os estrangeiros procurarem muito esta zona do Algarve como se fosse a procura de um paraíso perdido, uma hipótese de paraíso.

O teu trabalho no Centro Cultural tentou contrariar a situação de periferia da periferia que Lagos vivia?

Havia, de facto, muitos artistas nesta zona. Foi isso que eu tentei fazer, trazer esses artistas que estavam aqui na região e trazer alguns artistas mais conhecidos a nível nacional, trazê-los ao Centro Cultural e dinamizar esta vertente artística que existia.

Era fácil dar a conhecer os artistas locais e trazer os de fora, grandes nomes?

Não, não era um trabalho fácil, porque nós também não tínhamos muito apoio para dar, tínhamos um espaço, mas era feito com um orçamento mínimo. Na altura, lembro-me de começar a fazer uns catálogos com fotocópias, porque a Câmara, apesar de achar a ideia interessante, houve muitos períodos em que não investi a sério no projeto.

Portanto, era tudo feito com muita carolice, com pouco

dinheiro, com boa vontade dos artistas. Nós alojávamos os artistas, mas, na altura, não se lhes pagava nada, não se pagava honorários aos artistas. Por vezes, comprou-se uma obra ou outra a alguns artistas, mas sem uma política regular. Tentei muitas vezes que isso acontecesse, mas nunca havia verba para esse fim.

Até havia aqui uma tradição anterior ao Centro Cultural, que eram as Bienais de Lagos, iniciativa de que é importante falar, porque também ajudou a criar esta ideia de Lagos como cidade de artistas. Isso foi um trabalho realizado pelo Bravo, pela Vera Gonçalves e pelo capitão, de quem agora não me lembro o nome, que estava na Messe dos Oficiais. Isto no princípio dos anos 80, no Armazém Regimental.

Chegaste a participar nessa Bienal?

Sim, como artista jovem, artista concorrente, quando ainda não vivia em Lagos, concorri duas vezes: em 82 não fui aceite, só em 84 é que me aceitaram o trabalho.

No âmbito dessa Bienal, foram premiados o Bravo, o António Sena, o Álvaro Lapa, a Graça Morais. Esses artistas foram premiados e foram adquiridos pela Câmara, que tem um espólio de bons artistas plásticos, com esse espólio poderia ter um núcleo museológico dedicado à arte contemporânea, mas isso nunca avançou.

Neste momento, penso que a Câmara de Lagos tem esses quadros a decorar o edifício, as salas do edifício.

Quando eu estava no Centro Cultural, foi proposto à viúva do Joaquim Bravo a aquisição de um grupo grande de desenhos, o que a viúva aceitou, fez um preço especial, e a Câmara de Lagos tem 100 desenhos do Bravo, cujo objetivo era completar esse potencial núcleo museológico da arte contemporânea, que nunca avançou.

Achas que há uma falta de sensibilidade de quem está à frente das Câmaras para perceber bem a importância do que têm em mãos?

Esse é um problema que acho que não é só de Lagos, que é geral ao Algarve, porque em Faro também se falou, muitas vezes, em fazer um museu de arte contemporânea, na antiga fábrica da cerveja. Chegou a ter um projeto de arquitetura com concurso público em 2000 ou 2002, que depois, com as mudanças políticas... tanto quanto me recorde, o



Macário deitou tudo por terra e voltámos à estaca zero, mas foi gasto dinheiro num projeto de arquitetura para um museu de arte contemporânea.

Depois, recentemente, a atual Câmara voltou a gastar dinheiro com um projeto de um Centro de Artes, isso já em 2022, e que também está completamente parado.

Mais uma vez, acho que vamos assistir ao mesmo espetáculo, que é: gasta-se dinheiro em ideias, com os arquitetos e depois nada avança. E está lá o edifício da fábrica da cerveja a degradar-se. Até estranho que a oposição não fale disso.

Também houve, em 1996, o projeto da CAMA, que era a Coleção de Arte Contemporânea do Algarve, que dirigiste, numa iniciativa da ANJE,

a Associação Nacional de Jovens Empresários. Nunca mais se ouviu falar disso, o que é que aconteceu?

Na altura, o Francisco Morais convidou-me para avançarmos com esse projeto, seria um projeto da iniciativa da ANJE, mas que tentaria juntar todos os municípios do Algarve, que teriam uma quota para aquisições para a tal coleção, a partir da qual se constituiria um museu.

Esse projeto chegou a ter três exposições, lembro-me do Pedro Proença, da Armada Duarte, do Miguel Soares, feitas num edifício, que na altura era novo, junto ao hospital, que é o edifício da ANJE.

Mas o projeto da CAMA não avançou porque as Câmaras começaram a dizer-nos: “está bem, nós entramos com algum dinheiro, mas tem de haver um apoio do governo central”.

Cheguei a ter reuniões no Ministério da Cultura, no Instituto de Arte Contemporânea, e foi-me dito: “Ó Xana, vem para Lisboa, deixa-te de loucuras”. Isto é literal! Foi-me dito por uma pessoa que já não está viva, que é o Fernando Calhau, que na altura era o presidente, e pela Isabel Carlos, que é uma curadora de arte, e que me disseram: “Xana, mas há artistas no Algarve? Deixa-te de loucuras, vem trabalhar para Lisboa”.

Isto é dos sentimentos mais terríveis que eu senti, desde que vim aqui para Lagos até hoje, que é este desprezo, que eu só posso classificar assim, centralista, em relação a tudo o que se passa fora de Lisboa.

O Porto mexeu-se muito e conseguiu alguma importância, mas nesta altura, penso que nos anos 80, o Porto tinha o mesmo problema de se afirmar e de tentar conseguir dinheiro para avançar. Depois, Serralves avançou e o Porto conseguiu criar uma dinâmica de centro.

No resto do país, acho que nunca se conseguiu criar vários centros. Não é por acaso que a descentralização, a regionalização, oficialmente, nunca avançou e tenha sido boicotada pelos grandes partidos, que, na prática, nunca se empenharam na regionalização.

Quando houve o referendo, o Algarve votou contra, ganhou o não aqui.

Disso, já nem me lembrava... Mas uma coisa que eu sinto também, por parte dos autarcas do Algarve, é que estão

MERCADO DE Verão

QUARTEIRA 2025

4 JULHO A 7 SETEMBRO
JULY SEPTEMBER

DOMINGO A QUINTA-FEIRA | 19H30-00H00
SUNDAY TO THURSDAY

SEXTA-FEIRA E SÁBADO | 19H30-01H00
FRIDAY AND SATURDAY

JARDIM FILIPE JONAS

ANIMAÇÕES • ARTESANATO • GASTRONOMIA
ENTERTAINMENT HANDICRAFT STREET FOOD

sempre muito à espera do dinheiro que vem de Lisboa. E, se não vem, não tomam uma iniciativa, não são capazes de se unir e dizer assim: “vamos afirmar a nossa região, nós temos alguma autonomia financeira”. Porque as Câmaras têm alguma autonomia e podiam avançar com um projeto, aliás, há uma experiência que decorre até hoje, que é da Orquestra do Algarve, que é uma experiência de apoio das várias autarquias e que também funciona com os mínimos e que tem resistido, nem sei como.

Mas tu não deixaste de ser um sonhador, porque foste um dos fundadores do LAC – Laboratório de Atividades Criativas, em Lagos, ao qual estiveste ligado muitos anos, depois, mais recentemente, foste também fundador da Associação 289, em Faro. Porque é que achas necessário haver essas entidades que não são oficiais, que partem da iniciativa dos próprios artistas?

Porque os artistas têm uma vontade gigante, que faz parte da sua essência, de trabalhar, criar, e isso é uma coisa mais forte do que as condições.

Durante muito tempo, aliás, quando vim viver aqui para Lagos, para a tal casa de férias dos meus pais, que é pequena, tinha uma vontade gigante de trabalhar. Trabalhava na cozinha e na sala, porque era o espaço que eu tinha, não tinha ateliê.

Essa vontade de trabalhar levou-nos a associarmo-nos, os artistas plásticos mais os músicos, e a criar o LAC. Perante um edifício que estava abandonado, que era a antiga Cadeia de Lagos, nós associámo-nos e avançámos com o projeto de criar um centro para os artistas.

É esta vontade que agora também acontece em Faro, com a 289, que reúne artistas, muitos deles saídos do curso de Artes Visuais da Universidade de Algarve, e que, perante o vazio, perante não terem condições para trabalhar, resolveram juntar-se, de início naquele solar das Pontes de Marchil, com o apoio de um particular. Agora estamos noutro local, mas sempre independentes das Câmaras, armados desta vontade que os artistas têm de expor, de criar, de fazer coisas e de ultrapassar todos os obstáculos, como a falta de investimento na arte e na cultura em geral, que tem caracterizado o poder local e central.

Foste também um dos cofundadores e coautores da licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Algarve. Porque é que o Algarve precisa de uma licenciatura e um mestrado e, provavelmente doutoramentos, em Artes Visuais?

Exatamente para combater o tal centralismo. Aliás,

a Universidade de Algarve foi criada há 45 anos para que os jovens algarvios não tivessem de ir para Lisboa ou para o Porto estudar, porque aqui não havia condições. A Universidade do Algarve surge numa tentativa de criar um centro de conhecimento, um centro de investigação, e para que o centralismo fosse quebrado, para que este Portugal só com uma cabeça, em Lisboa, fosse quebrado e começassem a aparecer várias cabeças. Para que Portugal seja um país mais estruturado, em que exista uma igualdade de oportunidades.

Acho que é contraproducente este centralismo em Lisboa, leva a que se viva cada vez pior, ninguém pode ter qualidade de vida numa cidade de dois milhões de habitantes, onde há problemas de trânsito, etc.

Esse centralismo o que faz é que seca o resto do território, não é? As pessoas têm muita dificuldade em viver no resto do país, com o desinvestimento nos hospitais, na saúde, na educação, esta tendência para tornar as cidades rentáveis. Duas ou três cidades são mais rentáveis se tiverem os serviços centralizados. E o resto fica vazio.





Isso é destruidor do país como um todo saudável, organizado, até ecologicamente funcional. Isso é um problema vasto e difícil de resolver.

És um artista com muitos anos de carreira, já expuseste e estás presente em coleções de Portugal e da Europa. A tua arte tem alguns aspetos de contacto com a cultura pop, até pelo facto de pegares em objetos do quotidiano, transformando-os e dando-lhes uma nova função enquanto peças de arte, mas também pelas cores, muito vibrantes, assim como pelo uso de uma linguagem que parece quase de banda desenhada e de publicidade. Revês-te naquilo que estou a dizer ou não tem nada a ver com o que tu fazes?

O mais complicado é falar sobre o meu trabalho. Até porque a natureza do meu trabalho é do discurso visual. E eu acredito seriamente que o meu trabalho tem de falar por si, tem de falar pelos códigos visuais, pelos símbolos visuais.

Tento não colocar muitos conceitos verbais, literários ou filosóficos, em cima de uma certa pureza que eu defendo que devo manter, que é deixar o meu trabalho de escultura, pintura, instalação falar por si, pelos tais códigos visuais que eu não acredito que sejam traduzíveis numa linguagem verbal.

Portanto, vou começar a fugir a decifrar o que é que os meus trabalhos querem dizer ao mundo.

Mas posso falar um bocadinho dessa atitude: quando referes influências da banda desenhada, da cultura pop, portanto, da cultura popular em geral, de facto, é verdade.

Gosto bastante da força das imagens publicitárias. A cor é uma coisa que sempre me entusiasmou. Os sinais gráficos do espaço urbano também me interessam e por isso eu trabalho com esses elementos.

Também trabalho com os tais produtos industriais. Aparecem muitas vezes nas minhas instalações os alguidares, os baldes, as caixas de plástico.

O que é, de certo modo, desconcertante



para quem não está à espera de ver isso numa obra de arte. Ainda agora tiveste uma instalação em Loulé, na Galeria Alfaia, com um nome curiosíssimo, «Com quantos baldes se faz uma praia», que era composta por alguidares cheios de areia. E isso interroga as pessoas, há aqueles que se perguntam: mas isto é arte?

Não fui eu que inovei ao trazer para a arte os objetos de consumo. Nomeadamente desde o tal urinol do Marcel Duchamp, os artistas começaram a apropriar-se dos objetos comuns e a trazê-los para outros contextos.

Retirar a utilidade, o lado utilitário, no meu caso, de um alguidar ou de um balde, e trazê-lo para um contexto do discurso poético, artístico. Isto porque, por vezes, é mais eficaz eu usar uma série de alguidares, enchê-los de areia e trazê-los para uma galeria e fazer a tal provocação que é: o que é uma praia. Será que as praias que nós temos hoje são construídas?

Plastificadas, até?

Exato, plastificadas. É um bom termo. As praias selvagens do Algarve, para falarmos aqui do nosso contexto, que eram tão maravilhosas de selvagens, hoje em dia estão plastificadas, estão controladas, até por questões de

segurança. Há as barraquinhas, as áreas concessionadas. A praia, que era um espaço de liberdade, era um dos últimos espaços de liberdade que nós podíamos usar livremente, têm agora áreas concessionadas onde não podemos colocar o nosso guarda-sol. O conceito de bandeira azul que nós pensávamos que era um conceito de praia ecológica, não. É uma praia que está formatada e que é controlada. Como a ASAE controla os restaurantes, também há organismos que controlam estas praias e que veem se aquilo está tudo bem sanitariamente, se cumprem as regras da Comunidade Europeia ou sabe-se lá de que instituição. É um bocadinho isso: a peça “com quantos baldes se constrói uma praia” é uma ironia, uma provocação à hipótese de irmos buscar areia à praia, colocarmos num alguidar e fazermos uma praia numa galeria.

Comecei a usar baldes e caixas de plástico, no final dos anos 80, em 1989, penso. Foi a primeira exposição que fiz na Galeria Valentim de Carvalho, em Lisboa, e que se chamava “Superplástico”, que era uma mistura de pinturas e de baldes e caixas de plástico. E aí havia mais um deslumbramento com a cor dos plásticos.

A minha atitude foi evoluindo, porque também me apercebi, até na altura, que os plásticos têm a ver, de facto, com uma indústria que polui o planeta grandemente. A produção dos plásticos envolve o petróleo, a transformação do petróleo, a poluição do ambiente. E, de facto, até na altura, comecei a ficar com alguns problemas de consciência por estar a comprar baldes, a fomentar essa indústria e estar a colaborar, de facto, na poluição do planeta.

Por isso, desde 2008, deixei de comprar outros plásticos e o que eu tenho feito, nomeadamente nesta instalação na Galeria Alfaia, é usar alguidares que comprei nessa altura. O que eu faço agora é uma reutilização.

Porque a asneira está feita, foram comprados esses plásticos. Tenho cerca de 200 alguidares de plástico comprados nessa altura, mas também 1.200 caixas de plástico que foram compradas quando fiz um grande Arco do Triunfo em Barcelona, penso que em 2009. Era uma campanha do Turismo de Portugal, se calhar com dinheiros da Comunidade Europeia. Fiz esse Arco do Triunfo, que depois desmantelei e ainda o apresentei em Lisboa. Eu tinha um armazém nos arredores de Lisboa, onde consegui guardar estes plásticos e agora tenho-os reutilizado em novas construções.

Porque eu agora tenho um drama: só me resta reutilizar esses alguidares, essas caixas de fruta, para que não vão para aterros ou para locais de onde possam depois ir parar aos oceanos.

Na verdade, não é com este tipo de plástico, não é com os alguidares, não é com as caixas de plástico, que há grande poluição, porque uma caixa de plástico daquelas dura 400 anos se for bem tratada. O plástico, se não for para a natureza, se for bem controlado, de facto, pode ser uma imagem de uma obra de arte que dura centenas de anos.

É um assunto muito complexo, mas agora tenho que encarar-lo assim. Neste processo de cumplicidade com a indústria do carbono e com a carbonização do planeta, agora temos de reutilizar. Aliás, resta-nos isso: não podemos fugir ao problema, mas temos de encontrar soluções para não continuarmos a destruir o planeta.

Neste momento, estás a trabalhar em quê?

Eu estou sempre a trabalhar. Há uma coisa que eu faço, que é, todos os dias, não consigo dormir sem fazer mais um desenho. Posso já estar muito cansado, posso estar a ver um programa de televisão, um filme, não sei o quê. Em casa, estou sempre a fazer desenhos e desenhos que às vezes se confundem com a pintura, porque eu trabalho com marcadores e com cor, o meu conceito de desenho relaciona-se também muito com a cor. Mas isso é quase como uma obsessão.

Estás a preparar alguma nova peça ou exposição?

Tenho um projeto de arte pública para Quarteira, para o Verão, para o qual fui convidado pela Câmara de Loulé, através do Miguel Cheta. Convidaram-me a mim e ao Edgar Massul para realizarmos uma intervenção no calçadão de Quarteira.

É uma intervenção efémera?

É uma coisa efémera. Com orçamento que não será nada monumental, porque, infelizmente, é um projeto que tem um orçamento diminuto.

O calçadão de Quarteira é um espaço bastante difícil, porque é um espaço em que os edifícios estão muito perto

da praia, em que há ali muitos cafés e esplanadas, já há muita poluição visual. É um espaço que vai ser muito difícil de trabalhar. Mas vou tentar não poluir mais visualmente aquele espaço. A instalação vai ser inaugurada no princípio de Julho, e fica por ali em Julho, Agosto.

É uma altura em que Quarteira está em ebulição. Mas pronto, é um desafio e vou tentar ser criativo, que é o mínimo que eu posso fazer.

Sei que és uma pessoa que se preocupa muito com o mundo onde vives, aliás, desta conversa, tem transparecido isso. Que reflexão fazes em relação aos resultados das recentes Eleições Legislativas, sobretudo o facto de, no Algarve, o Chega ter tido uma vitória?

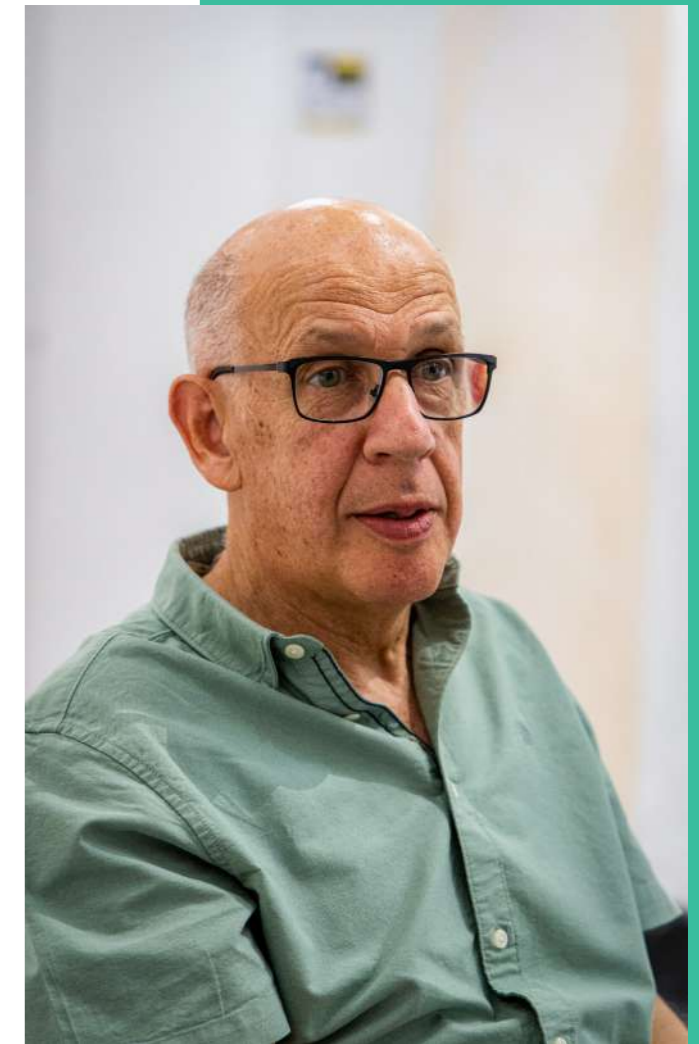
Há uma coisa que eu já percebi, até por pessoas com as quais falei espontaneamente na Universidade e que afirmaram ter votado no Chega: é que as pessoas não votam num projeto ideológico. As pessoas estão a votar num partido que elas não sabem bem o que defende, mas votam nele porque diz que as coisas estão mal.

O que eu sinto é que as pessoas se identificam com essa revolta em relação a muitas coisas que não se resolveram, como os problemas da saúde, os problemas da habitação, o caso em que era óbvio que as portagens tinham de acabar na Via do Infante.

Os partidos do poder, o PS e o PSD, arrastaram essa situação anos a fio, sem explicação lógica. Deixaram a situação arrastar-se. E é evidente que isto provoca um mal-estar grande e leva as pessoas a, para matar a mosca, votar no inseticida.

Só que estão a passar um cheque em branco a um partido que nós não sabemos o que defende, e que, quando defende alguma coisa, é em situações que aparentam ser racistas, discriminatórias de pessoas que não concordam com eles. Há quem encare o André Ventura como um salvador, mas é um potencial ditador. Aliás, é um partido em que só ele fala, não há vozes contraditórias, já foram sendo eliminadas.

Mas achas que é a democracia que, no fundo, está em causa? Neste contexto,



como é que ficam os artistas? O que é que os artistas têm andado a fazer?

Não cabe aos artistas a função dos partidos políticos. Cabe aos artistas serem criativos, pensarem livremente. Mas estes partidos conservadores, e não é só o Chega, não gostam quando os artistas são livres.

Cabe aos artistas, com a sua liberdade criativa, transformar o mundo, apresentar propostas de um mundo melhor, mas é um mundo de sonho. Essa capacidade de os artistas sonharem para lá dos problemas banais ou do quotidiano, dá-nos a esperança. Eu acho que a função dos artistas, se têm alguma, é essa capacidade de sonhar.

Sou daqueles que acreditam que todo o ser humano é artista, porque todo o ser humano é criativo em potência. Só que os artistas são praticantes. Todos os dias estão



a pensar fora da caixa. Todos os dias estão a pensar em novas ideias.

E as pessoas ditas normais têm de lutar pela sobrevivência, no seu dia-a-dia, têm de ser mais pragmáticas. É por isso, penso eu, que colocamos nos artistas essa hipótese de sonharmos todos.

Quando eu admiro o trabalho dos outros artistas, é porque eles me surpreenderam e pensaram em coisas em que eu nunca tinha pensado. E é esses artistas que eu admiro e continuarei a admirar, e é isso que eu espero dos meus colegas artistas, é que eles me surpreendam, me abram também caminho para esta capacidade de sonhar.

É aí que os artistas são transformadores ou revolucionários. Não é a falar do Partido A ou B ou C.

É evidente que também temos opções políticas. Eu, como cidadão, tenho de protestar, tenho de assinar uma petição, mas isso é o que qualquer cidadão tem de fazer. Como artista, tenho de participar ativamente nesses

protestos, contra a invasão da Ucrânia pela Rússia, contra o que se está a passar na Palestina, quando vejo os palestinianos em Gaza a serem assassinados absurdamente, fechados no território e eliminados até desaparecerem para depois o Trump ir lá fazer uma estância balnear, contra situações de injustiça e de abuso, de exploração do ser humano, de desumanização, de censura. Tudo isso me revolta e tenho também de tomar posição.

Mas, como artista, tenho de continuar a ser criativo, porque senão é apenas um mero protesto, não acrescento nada a este mundo.

E a minha ideia é que os artistas têm de trazer novas ideias, têm de construir um mundo diferente.

A tal expressão poética que não é verbalizável, que é estranha, que deixa as pessoas um bocadinho espantadas, essa capacidade de espantar os outros, eu penso que é essa a ideia que eu tenho de artista.

Quem é Xana?

Xana nasceu em Lisboa em 1959. Licenciou-se em Artes Plásticas pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em 1984, ano em que passa a residir em Lagos no Algarve. Nessa cidade desenvolveu, desde 1995, com outros artistas, o projeto LAC - Laboratório de Actividades Criativas.

Foi coautor do projeto de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Algarve onde é professor convidado desde 2004.

Em 2017, foi cofundador da Associação 289, em Faro e, em 2018, voltou a residir em Lisboa.

Doutorado em Comunicação, Cultura e Artes, em 2019, pela Universidade do Algarve, com o projeto "Amor, Liberdade e Sabedoria - Dialética de uma construção Visual".

Na sua atividade de artista visual, realizou, desde 1981, exposições, cenografias ou intervenções em espaços públicos. Em 2005, a Culturgest, em Lisboa, apresentou uma seleção antológica das suas obras, intitulada "Arte Opaca e Outros Fantasmas" (curadoria: Alexandre Pomar e Lúcia Marques).

Nos últimos anos, tem tido destaque, no seu percurso,

o desenho e a criação de instalações/construções temporárias de arte pública, em Barcelona, Milão, nos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian, no Museu do Chiado, em Vila Nova da Barquinha, em Belém, na Mexilhoeira Grande (Portimão), São Bartolomeu de Messines (Silves), Alte (Loulé), Alportel, Cascais, Faro, Torrão (Alcácer do Sal), Fortaleza de Sagres e, em breve, no Calçadão de Quarteira.

Xana está também representado em museus e coleções públicas, nomeadamente no Museu de Serralves, no Porto, na Kunsterhaus-Musonturm em Frankfurt (Alemanha), no MAAT - Museu de Arte Arquitetura e Tecnologia, Fundação Luso-Americana e Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa.

OIÇA A ENTREVISTA COMPLETA,

no podcast que pode descarregar usando este QR Code



Aljezur

O Coração da Costa Vicentina
The Heart of Costa Vicentina



Festival F

04-07 SET. 2025 | 10ª EDIÇÃO | FARO

QUINTA-FEIRA, 04 SETEMBRO

OS QUATRO E MEIA • DIOGO PIÇARRA • PROF JAM + LONNER JOHNNY
 INSERT COIN • BANDIDOS DO CANTE • LUÍS REPRESAS
 BATEU MATOU • IOLANDA • BLUAY • PEDRO DA LINHA
 MARGARIDA CAMPELO • BENJAMIN • THE MIRANDAS • MELISSA SIMPLÍCIO
 MIRAMAR • AMAURA • MAR • JOÃO BORSH • FIDJU KITXORA

SEXTA-FEIRA, 05 SETEMBRO

SARA CORREIA • BÁRBARA BANDEIRA • MIZZY MILLES
 SUPA SQUAD • ENTRE ASPAS • TARA PERDIDA • DOJDJE
 LENA D'ÁGUA • SORAIA TAVARES • LHAST
 COMPOTAS • GUGA • OMIRI • DIOGO CLEMENTE • GALOPIM
 SILLY • MARIA REIS • CICATRIZ • SKURU FITCHARU

SÁBADO, 06 SETEMBRO

ANA MOURA • BISPO • REVENGE OF THE 90'S • BUBA ESPINHO
 ANA BACALHAU • NENNY • RITA ROCHA • MIGUEL LUZ • KLIN KLOP
 VIZINHOS • EDMUNDO INÁCIO • MISS UNIVERSO • DIOGO ZAMBUJO
 RECANTE • JÉSSICA PINA • SANDRINO • CHYNA • SLEEPY THE PRINCE

DOMINGO, 07 SETEMBRO

DINO D'SANTIAGO COM ORQUESTRA DO ALGARVE • PEDRO ABRUNHOSA
 JULINHO KSD • NENA • TIAGO NACARATO E OBS • NAPA
 MUNDO SEGUNDO & SAM THE KID • NINA TOG TOG • VSP AST
 LEFT • BILLYFRESH • YANG • CAJU & BAMBU
 CHINFRIM • MELOMONORITMICA

E MUITO MAIS...

O F EM NÚMEROS 2014 - 2024

ESPETADORES EM 9 EDIÇÕES
 317 200

EVOLUÇÃO NO Nº PALCOS
 DE 5 PARA 9

ESPETÁCULOS
 462 CONCERTOS

ATIVIDADES PARALELAS
 171

ÁREA
 DE 5000^M2 PARA 38500^M2

Festival F

ORGANIZAÇÃO



PATROCINADORES



MEDIA PARTNERS



PARCEIROS





TEXTO E FOTOS:
PEDRO LEMOS

O mundo cabe nestas salas de aula

O que têm em comum o Osman, o Luís Ye e o Yugant? E a Manreet, a Luísa e a Jaqueline? A resposta é fácil: muito pouco. Nasceram em países diferentes, têm ascendências distintas, contextos de vida tão díspares que juntá-los na mesma equação até pode roçar o disparate. Mas há um elo entre todos eles que os faz, hoje, em 2025, partilhar um chão comum: fazem parte do sistema de ensino de Portugal.

Todos frequentam escolas, públicas ou privadas, sejam alunos, professores ou mediadores linguísticos.

Osman ainda não perdeu a esperança. «Eu continuo à procura, mas, até agora, ainda não encontrei ninguém do meu país», diz, com um sorriso tímido, enquanto conversamos junto à sala onde passa grande parte dos dias no Campus de Gambelas da Universidade do Algarve (UAlg).

A tarefa nunca será fácil: aos 44 anos, decidiu tomar uma decisão radical e fazer uma viagem de quase 5000 quilómetros. A ideia já a tinha presente há algum tempo, mas só seria efetivada após uma conversa com Nuno Bicho, arqueólogo, antigo diretor do Centro Interdisciplinar de Arqueologia e Evolução do Comportamento Humano (ICArEHB) da Universidade do Algarve (UAlg).

Osman lembra-se bem do convite que recebeu.

«Estávamos em 2022. Ele disse-me que eu teria oportunidade de vir estudar para o Algarve, para tirar o doutoramento e eu nem hesitei. Já tinha tido duas "promessas" para vir para a Europa, para outros países, mas ainda bem que só vim para Portugal», atira.

Voltemos ao início: o Algarve é «uma grande região, de gente simpática», mas Osman ainda continua nessa busca de, talvez um dia, encontrar alguém com quem possa falar do seu país, das suas tradições, das memórias que deixou. Da língua que, hoje, pouco fala.

Nunca será tarefa fácil e o próprio reconhece-o. Osman Khaleel veio do Sudão diretamente para Faro. Nasceu em Atbara, há 47 anos, mas vivia numa cidade perto da capital Omdurman. «Talvez haja alguém do Sudão em Lisboa, mas no Algarve não encontrei mesmo!», exclama.

Arqueólogo desde 2007, já exercia a sua profissão no Sudão, mas em regime de freelancer - mantinha, ao mesmo tempo, um negócio próprio noutra ramo. Até que um projeto



Mas as saudades de casa, confessa, também têm apertado. E há razões muito fundas - e compreensíveis para isso. Em 2023, já com Osman a viver em Faro, o Sudão entrou em guerra.

O conflito coloca de um lado as Forças Armadas Sudanesas e as Forças de Apoio Rápido, lideradas por Abdel Fattah al-Burhan e Mohamed Hamdan Dagalo, respetivamente. Outrora, foram aliados.

«É uma situação muito complicada. Por vezes, é difícil falar com a minha família não só devido à diferença horária, como às falhas da Internet. Felizmente, até agora, estão bem até porque a cidade onde moram é longe de onde estão a decorrer as batalhas», conta Osman, sem esconder a preocupação no rosto.

Apesar de se sentir bem em Portugal, o arqueólogo não esconde que o objetivo, por enquanto, passa por voltar ao Sudão - «a não ser, claro, se conseguir um trabalho muito estimulante».

«A nível mais pessoal, até costumo dizer que me encontrei a mim mesmo aqui, em Portugal, mas também amo o meu país e apesar da guerra, ou devido a ela, quero voltar», conclui.

Bem-vindos ao melting pot

Rui Morais tem nome português, considera-se, pelo menos, um bom conhecedor da cultura do país, mas só há poucos meses é que mora, pela primeira vez, em Portugal. Desde Janeiro deste ano, para ser mais exato. Nascido em Moçambique, viveu grande parte da vida na África do Sul.

Os últimos tempos ainda têm sido de alguma adaptação - essencialmente com a língua. O *good morning* que deixa escapar, logo no início da conversa, é sintomático.

«Foram tantos anos que ainda me estou a habituar. Continuo a sentir-me mais confortável a falar inglês do que português», diz, entre risos.

A história de Rui Morais é, de resto, paradigmática do desafio que tem em mãos. Depois de décadas à frente de um colégio na África do Sul, decidiu rumar a Portugal para ser



headmaster (um género de diretor) do Colégio Internacional de Vilamoura, uma escola privada com 40 anos de existência e de que já fala com orgulho.

«Nós somos uma instituição aqui no Algarve!», exclama, numa conversa pontuada, aqui e ali, por algumas expressões inglesas usadas por Rui.

O Colégio de Vilamoura - assim conhecido - tem cerca de 900 alunos. É uma escola internacional que abarca desde o jardim de infância até ao 12º ano e com uma particularidade: tem tanto o ensino português, como o inglês.

«Atualmente, é engraçado porque temos tido uma procura grande para a "via" portuguesa: de tal forma que vamos abrir, no próximo ano, mais uma turma», conta o *headmaster*.

Há uma bandeira de que Rui Morais não abdica: vincar o facto de, no Colégio de Vilamoura, todos aprenderem o português.

«Seja em que ensino for, temos essa componente. Todos aprendem a língua, até porque queremos ser uma escola bilingue e isso nem sempre acontece em todos os colégios internacionais», considera.

Por ali há de tudo: alunos de mais de 40 nacionalidades, entre ingleses, irlandeses, russos, ucranianos, franceses, chineses, etc.

PUBLICIDADE

Maresia

Peixe da Ria Formosa e as melhores carnes maturadas - o Algarve à sua mesa

No coração da Fuseta, o Maresia é um convite a saborear o melhor do Algarve. Peixe fresco da lota, marisco apanhado na Ria Formosa e carnes maturadas de excelência, compõem o menu que honra a tradição com um toque contemporâneo.

De ostras frescas a suculentas carnes, cada prato é preparado com mestria, realçando os sabores genuínos da região. Acompanhe a sua refeição com uma vista deslumbrante sobre a Ria Formosa e deixe-se envolver pela atmosfera acolhedora que só o Maresia oferece.

Av. 25 de Abril n.º 2, 8700-011 Fuseta
+351 912 345 678
maresiarestaurant@gmail.com
@maresiafz

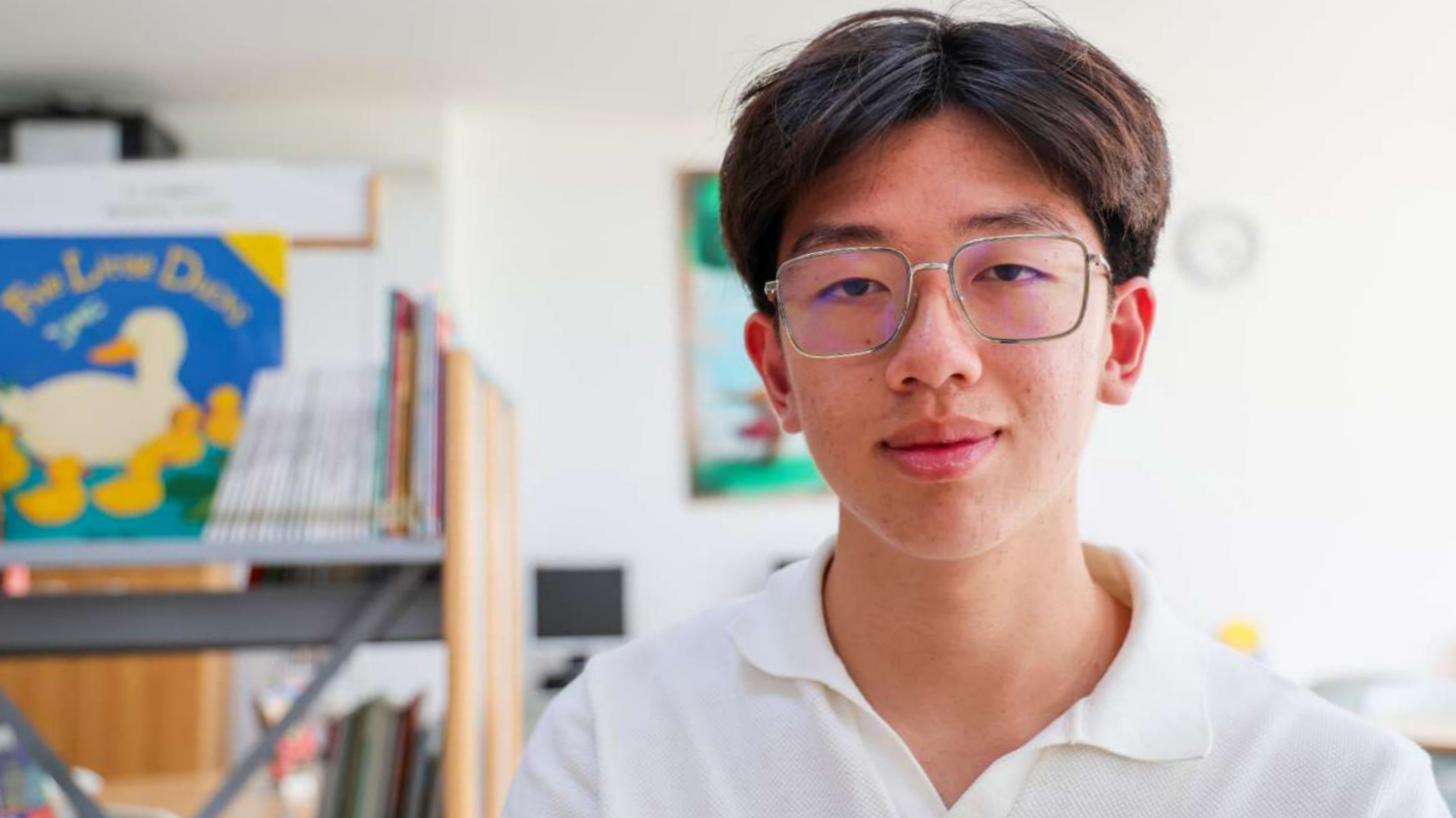
PUBLICIDADE

UM MUNDO PARA DESCOBRIR
Vinhos do Algarve.
A WORLD TO DISCOVER
Algarve Wines

Visite o nosso website
Visit our website

wines of portugal
a world to discover

VINHOS DO ALGARVE WINES



Todos, é certo, com algum poder de compra nas famílias, dado que a frequência no Colégio implica o pagamento de uma propina. Mas, mesmo aí, há de tudo: gente, de facto, com dinheiro, mas outros que fazem um esforço mensal para conseguir ter os filhos a estudar no ensino privado.

Esta ser uma escola multicultural é, para Rui Morais, uma bênção. «O mundo mudou: nós somos uma *global village* e é muito vantajoso inculcar esse respeito pelas culturas e pelas religiões desde cedo», diz, sem hesitações.

Isso é visível quando percorremos os corredores do Colégio Internacional de Vilamoura. Um dos grandes envidraçados de uma das salas dedicadas aos alunos mais novos é decorado com bandeiras de vários países: Portugal, França, Espanha, Rússia, China... No recreio, ora se ouve falar português, ora inglês.

Luís Ye, 17 anos, é um desses alunos. Quando nos encontramos, na biblioteca do Colégio, vem ainda em passo estugado, talvez devido ao ligeiro atraso, acompanhado por um colega alemão.

«No meu grupo de amigos mais próximos, cada um tem a sua nacionalidade: um é alemão, outro indiano, um russo e portugueses, claro», diz, num português quase perfeito.

Luís já nasceu em Portugal, mas é filho de chineses. Em casa, continua a falar com os pais sempre em mandarim. «É engraçado porque, se for para a China, veem-me como estrangeiro, mas, em Portugal, eu vejo-me como chinês», confessa.

Porquê?

«Olha, as refeições, por exemplo, são sempre de comida

chinesa. A minha mãe ainda tenta fazer algumas comidas portuguesas, como bacalhau à brás ou cozido à portuguesa, mas é mais para experimentar do que outra coisa», responde a rir.

Luís fala ainda de outros pratos, o que só comprova o que logo diz a seguir: «eu considero-me bastante chinês, mas talvez até conheça melhor a cultura e os costumes portugueses».

Desde o 7º ano que este jovem frequenta o Colégio Internacional de Vilamoura - sempre na parte portuguesa, apesar de a ideia inicial dos pais ter passado pela vertente inglesa do ensino.

«Honestamente, eu até prefiro, porque estou a pensar estudar numa universidade portuguesa e tirar o curso de Engenharia Mecânica no Instituto Superior Técnico», revela.

Os tempos vividos no Colégio de Vilamoura têm sido de constante aprendizagem: para isso, contribui muito o facto de o dia a dia de Luís ser passado com amigos de países totalmente diferentes.

«Quando vamos a casa uns dos outros é sempre um choque de culturas», confessa.

O jovem, que chegou a morar cerca de três anos na China, ainda em criança, não tem uma ideia bem formada sobre onde se vê a viver daqui a 10 anos. Aventurar-se noutra parte europeia é uma hipótese; regressar à China, idem. Mas há algo de que tem a certeza.

«Eu gosto muito da China, mas sempre que volto... é uma cultura mais rápida, um ritmo de vida mais acelerado e eu estou habituado a um modo mais calmo. Isso é aconchegante.

Por isso, de certeza que, mesmo que saia, volto para Portugal. Nem que seja para a reforma», atira.

É a mesma dúvida que ainda assalta Mark Bunin. Tal como Luís, este jovem russo é de trato fácil. Não se esconde atrás de nenhuma pergunta, mostra-se interessado na conversa, mas faz um aviso prévio: «sinto-me melhor a falar inglês».

Desde 2011 que Mark mora no Algarve - e desde então estuda, também, no Colégio Internacional de Vilamoura, mas na vertente inglesa.

A vinda para o Algarve deveu-se, como em grande parte dos casos, a mudanças profissionais da família. Mas, no caso de Mark, com um acrescento. «O meu pai é da Sibéria e sempre quis morar num sítio mais quente, então escolheu Portugal», conta.

Para trás, a família deixou Kaliningrado e hoje mora em Albufeira. «Eu sou português e russo, mas não me sinto português devido à língua e não só. Falo russo em casa e acho isso importante para não perder a ligação também», diz.

À semelhança de Luís, Mark também vê como uma bênção crescer no caldo cultural - «*melting pot*» - que é o Colégio de Vilamoura.

«Há um senso de igualdade entre todos, especialmente aqui na escola. Quanto metemos várias pessoas, com diferentes *backgrounds*, no mesmo sítio, é muito bom», acrescenta.

É por isso também que Mark confessa que nem quando a guerra estalou entre a Rússia e Ucrânia se sentiu minimamente discriminado. «Os meus colegas conhecem-me, sabem o que defendo e isso foi importante para não haver acusações



Alcoutim
Um Algarve por Explorar

www.cm-alcoutim.pt
facebook.com/cm-alcoutim/
geral@cm-alcoutim.pt

PUBLICIDADE

sem fundamento», argumenta.

A foto que tiramos já no recreio, seguida de um aperto de mão, serve como despedida do Colégio de Vilamoura, mas a história da multiculturalidade nas escolas algarvias está longe de estar toda contada.

Ali não muito longe, situa-se um dos agrupamentos de escolas com mais nacionalidades de toda a região. No Agrupamento D. Dinis, de Quarteira, 42% dos alunos são estrangeiros - ou seja, quase metade.

Quarteira sempre foi, de resto, local de muita imigração - primeiro de cabo-verdianos, mais tarde de brasileiros, ucranianos e, hoje, muitos asiáticos.

Mal se põe o pé no recinto da escola, percebe-se bem essa mescla que a direção do Agrupamento quis - e quer - usar acima de tudo como uma oportunidade.

A professora Luísa Dordio é um dos rostos desse trabalho. Encontramo-la no final de um dos intervalos da manhã: o entusiasmo com que fala do projeto a que se tem dedicado este ano letivo é contagiante. Perto de um dos recreios da renovada Escola D. Dinis, foi "montado" o quartel-general do "Todos Contam".

Por muito paradoxal que possa parecer, aquele monobloco é como se fosse uma sala de aula que não quer ser uma sala de aula. Senão vejamos: há um quadro, canetas, um computador, mesas, mas também uma decoração feita de elementos alusivos a outras culturas, como o "Happy Holli". Há bandeiras de vários países e um pormenor que logo salta à vista: as cadeiras estão dispostas num grande círculo.

«Marcamos logo aí pela diferença: nós queremos ter os nossos alunos todos juntos, numa disposição diferente», diz a professora Luísa.

O projeto "Todos Contam" nasceu há cerca de três anos, pela mão da educadora social Tânia Pinheiro. A guerra na Ucrânia - e a quantidade de alunos que a escola recebeu, fugidos do conflito - espoletou tudo.

«Vi-me numa sala de aula com 20 alunos, que não falavam nem português nem inglês. Eu tinha estado no Vietname a fazer voluntariado e pensei: como é que aprendi melhor a falar inglês? Foi na prática, foi lá. Daí, veio logo outro pensamento: vou criar um projeto em que ensinemos português de uma forma mais lúdica», conta Tânia.

Assim, nasceu a ideia de ir ao mercado, à praia... «no fundo, aquelas coisas básicas, mas em que podemos praticar melhor a língua», acrescenta.

O projeto foi crescendo - dos alunos ucranianos, o leque alargou-se. As pessoas afetas ao "Todos Contam" também: além da professora Luísa Dordio, juntaram-se duas mediado-

ras linguísticas e culturais - Jaqueline Aleixo e Graça Pereira.

«Nós aqui, por vezes, recebemos alunos que chegaram há horas a Portugal. A nossa tônica é esta: acolher miúdos recém-chegados ao sistema educativo português, se possível há menos de um ano», explica a professora Luísa.

Mais do que integração, há outra palavra-chave: a inclusão. «Integrados eles estão, nem que seja numa turma ou numa escola, mas incluídos é que não. O que queremos é fazê-los sentirem-se à vontade, conhecer a escola e, acima de tudo, ajudar na questão linguística», acrescenta.

Outro dos grandes objetivos é que o projeto não seja «um gueto». Por isso, qualquer aluno que frequente o "Todos Contam" - hoje são 14, no início do ano letivo eram 22 - está inserido numa «turma-mãe», onde frequentam as disciplinas mais ligadas às expressões, como Educação Musical e Educação Física.

Nas outras, mais teóricas, como Português ou História, «os nossos miúdos estão connosco», como diz, carinhosamente, a professora Luísa Dordio.

A ideia é que, no espaço de um ano, todos estes jovens - que vão do 5º ao 9º ano de escolaridade - ganhem as competências necessárias para abandonar o projeto.

«Nós temos uma visão mais holística e isso é o essencial: juntar a questão linguística e a inclusão. O português aqui é um bocado transversal. Por exemplo, pegamos numa bola e fazemos aqui um jogo com palavras. Nós não queremos ser a continuação da sala da aula: se fosse só para isso, os miúdos



não estavam aqui», explica a professora Luísa.

Recentemente, o projeto ganhou (ainda) mais asas, com a chegada de duas mediadoras linguísticas e culturais: Jaqueline Aleixo e Graça Pereira. Apesar de só estarem afetas ao "Todos Contam" desde Fevereiro, ambas já falam com orgulho do trabalho que têm feito.

É que este é mesmo um projeto que quer ir à raiz da inclusão. Daí que o apoio não se esgote no apoio ao aluno: é estendido a toda a família.

«Nós estamos abertos a toda a comunidade escolar. Para explicar um bocadinho: a direção envia um e-mail ao professor da turma a informar que vai ser integrado um aluno na turma e coloca-nos logo com conhecimento. O nosso trabalho é enviar logo um e-mail, traduzido em inglês, com algumas informações básicas», explica Jaqueline.

Aí, abre-se logo um leque de possibilidades: pode o encarregado de educação sentir a necessidade de marcar um atendimento para auxílio com burocracias, pode pedir ajudar para cursos de português ou pode, "simplesmente", solicitar ajuda para o filho.

«Eu arrisco dizer que já fomos o primeiro contacto importante para alguns alunos. Foi onde sentiram, pela primeira vez, que estavam a ser valorizados. É complicado para um professor, com 30 alunos numa sala, fazer isso. Por isso, qualquer docente que nos chama é porque está preocupado e já tem todo o mérito. Chegamos a ter atendimentos que são só desabafos», relata Jaqueline Aleixo.

É um trabalho difícil, que requer muita paixão, mas que, no final do dia, é «muito prazeroso». Graça Pereira entra na

conversa para dar um exemplo recente.

«Como temos muitos alunos asiáticos - indianos, do Nepal, Bangladesh - fizemos uma festa do Holi. Então, fomos comprar umas tintas a uma loja indiana e foi comovente ver a reação quando chegámos e dissemos o que queríamos, quem éramos. Mostrámos as fotos do que estávamos a fazer e as pessoas ficaram de lágrimas nos olhos», recorda.

Quanto ao método de avaliação destas crianças, reconhece a professora Luísa, tem de ser diferente. Nem haveria outra forma. «Já pensámos como seria se, de repente, fôssemos nós a levar um filho para um país totalmente desconhecido?».

Então, arranjou-se uma forma: um portefólio digital, acessível a todos os professores, onde estes jovens imigrantes vão colocando os seus trabalhos relacionados com cada disciplina.

É o de Yugant Baral que a professora vai mostrando, no computador. O jovem nepalês de 11 anos, que está em Portugal desde 2024, vai pontuando a conversa já com muitas palavras em português.

O futebol - e o gosto por Cristiano Ronaldo - é um desbloqueador. «Eu já o conhecia antes de vir para Portugal, claro!». E gostavas de ser como ele?

«Claro que sim - gosto muito de futebol. Até já jogo no Quarteirense», responde, orgulhoso.

Ao seu lado, os amigos Prince Chaudhary e Moksh Kaler e as amigas Manreet Kaur e Sanista Mahato vão assistindo à conversa. Ora mais tímidos, ora mais expressivos, todos concordam que projetos como o "Todos Contam" têm sido muito importantes para se sentirem em casa.

Talvez nem todos voltem a arriscar viajar milhares de quilómetros, como o Osman do início desta história, o Rui Morais, o Luís Ye, um chinês que não abdica da calma do Algarve, ou até a professora Luísa que, após anos de docência de sala de aula, descobriu no acolhimento de alunos migrantes uma nova paixão.

Mas de certeza que do Algarve, onde foram recebidos, acolhidos e incluídos, provavelmente jamais se esquecerão. Todos eles.



CCDR ALGARVE: 45 ANOS AO SERVIÇO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NA REGIÃO



Num tempo em que a política de coesão europeia volta a enfatizar a governança multinível e a capacitação das regiões, importa refletir sobre o papel e os desafios da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve (CCDR ALGARVE), instituição que celebra 45 anos ao serviço das políticas públicas na região.

Na Comunicação da Comissão Europeia sobre o nono relatório da coesão (COM (2024), 149 final) sublinha a relevância da governança multinível, da capacitação e estruturação regional das políticas públicas e dos resultados na mobilização dos fundos europeus. Portugal e o Algarve perderam a oportunidade de trabalhar no quadro de uma autarquia regional, com uma estratégia regional e supra municipal, sendo que, no Algarve, as legítimas dinâmicas municipais, uma administração desconcentrada tradicionalmente a trabalhar em ilha, o peso relativo do número de eleitores e de deputados no contexto dos órgãos de poder legislativo, comprometeu o avanço da regionalização, bem como a melhor absorção e resultados na mobilização dos muitos milhões de euros da escolha estratégica da integração europeia com o Tratado de Adesão assinado há 40 anos.

Com a transformação das Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional em institutos públicos, integrando a administração indireta do Estado e a propositura do Presidente através da eleição por um colégio eleitoral de autarcas, conferindo uma legitimidade democrática na escolha, em articulação com a designação do Conselho Diretivo, o Conselho de Concertação intersectorial e um acrescido papel do Conselho Regional, novos desafios surgem no desempenho da missão da CCDR e da administração desconcentrada do Estado.

Recente estudo desenvolvido pelo ISCTE assinalava um grau de confiança nas Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional idêntico aos Municípios, 5,5% numa escala de 0 a 10, com 48 por cento dos cidadãos considerando que as CCDR se preocupam com os cidadãos, acima da perceção sobre a administração central, mas abaixo das freguesias, com 63 por cento dos cidadãos a valorizar a sua proximidade.

O Algarve, a região do Algarve, precisa de mais CCDR, maior coordenação, articulação e planeamento nas políticas públicas no território, desde logo e em especial,

na governança e planeamento da política da água, no ordenamento e acesso a habitação acessível, na inclusão social, redução da pobreza, promoção do sucesso escolar e acesso ao ensino superior profissional, qualificação das pessoas, inovação e ciência, maior transferência de conhecimento entre a investigação e as empresas.

O Algarve tem sabido resistir e adaptar-se. Em 2023, o número de empresas sediadas na região atingiu um máximo de 94.449, com o PIB per capita a alcançar os 87% da média da União Europeia. A despesa em Investigação e Desenvolvimento cresceu 51% face a 2020, atingindo os 64,5 milhões de euros — o valor mais elevado de sempre. Contudo, subsistem assimetrias. A baixa densidade e o interior exigem maior intensidade no apoio a empresas e autarquias locais. A coesão territorial ainda está por concretizar em toda a sua plenitude. Por isso, reforçar a capacitação técnica e financeira a nível regional, e territorializar os instrumentos de financiamento com os programas regionais revela-se incontornável.

Como se assinala no Programa do XXV Governo Constitucional “A modernização do Estado exige uma administração pública mais próxima, ágil e eficaz. Aprofundar a reforma das Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional revela-se essencial para consolidar o processo de desconcentração administrativa, no seu papel como estruturas intermédias de coordenação territorial”, concluindo: “Fortalecer as CCDR é dar direção e coerência ao desenvolvimento regional”.

Citando o Ilustre Professor Luis Fábrika, a legitimação dos poderes exercidos pela Administração repousa na prossecução dos interesses gerais da comunidade, do bem comum, no interesse público. A CCDR ALGARVE tem procurado honrar e reforçar a confiança e legitimação do seu papel no quadro da implementação das políticas públicas.

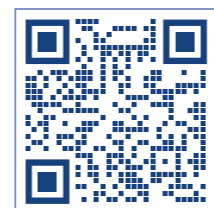
A todos os que fazem e fizeram acontecer esta missão de serviço público deixo o nosso reconhecimento.

Eis o Algarve, uma região singular, na Europa das regiões.

José Apolinário, Presidente da CCDR Algarve



TODOS OS SEGREDOS DE FARO NUM SÓ LUGAR! MUSEU MULTIMÉDIA



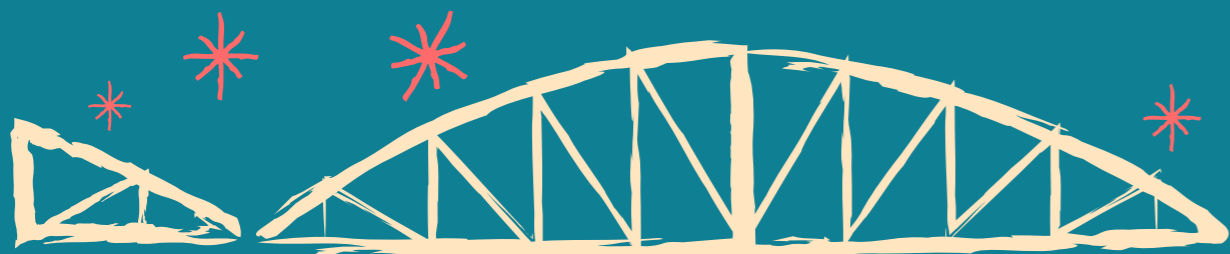
Mais informação aqui:
farostoryspot.pt

Apresente esta revista na compra do seu bilhete e nós oferecemos uma fotografia de recordação da sua visita!
(Válido até maio de 2025. Uma revista por pessoa. Não acumulável com outras promoções.)



@farostoryspot

*Temos condições especiais para entidades.
Envie email para info@farostoryspot.pt



FESTIVAL DA SARDINHA

PORTIMÃO 2025

- 5 RUI VELOSO
- 6 PEDRO ABRUNHOSA
- 7 DIOGO PIÇARRA
- 8 NENA
- 9 PARA SEMPRE MARCO
- 10 RESISTÊNCIA

ESPECIAL

**5 DE AGOSTO
11H00**

**RECREAÇÃO
HISTÓRICA**

*Sardinha assada no prato e no pão,
Petiscos, Doçaria, Música,
Artesanato, Animação de rua*

**ACESSO
LIVRE**

5 A 10 AGOSTO

• ZONA RIBEIRINHA •

Centro Interpretativo do Salva-Vidas de Alvor distinguido com o Prémio Silletto 2025

European Museum
of the Year Awards (EMYA)



www.museudeportimao.com



TELA LEÃO
PROGRAMADORA CULTURAL



As Caixinhas da Inclusão

Trabalho com arte e cultura há muitos anos. Já colaborei com artistas de muitos países e contextos, em projetos diversos, mas hoje olho com inquietação para o rumo que os investimentos culturais europeus vêm tomando. A palavra de ordem é “inclusão”. O que, à partida, é louvável — mas a forma como isso se concretiza enche-me de dúvidas.

Vivemos sob políticas que privilegiam projetos de inclusão — mas quase sempre segmentada.

Fala-se de inclusão como se fosse uma série de molduras: aqui entram os ciganos, ali os deficientes físicos, acolá os mentais, os pobres, os refugiados, os imigrantes, as comunidades LGBTQIA+.

Cada grupo com o seu projeto, a sua vez, a sua pequena vitrina. São tantos os “excluídos” que, somados, talvez já sejam maioria. Mas continuam a ser tratados como minorias — porque a lógica dominante é a da compartimentação e não a da convivência plena. Assisto, por exemplo, a uma crescente “especialização” em festivais e eventos exclusivamente dedicados a determinadas condições. Festivais da deficiência física ou mental. Festivais dos surdos. Dos cadeirantes. Dos que falam uma determinada língua. Dos que fugiram de determinado país.

Dos que têm determinado tom de pele. E ali estão, muitas vezes, corpos em cena não como sujeitos criativos, mas como material simbólico. Já vi um jovem numa cadeira de rodas, totalmente imobilizado, sendo rodopiado em cena por um bailarino saudável, com dramatismo excessivo, carregado de maquilhagem e figurino com brilhos. Sua face, entretanto, não conseguia expressar qualquer sentimento — e não pude deixar de me perguntar: será que ele queria mesmo estar ali? Será que tem algum poder de decisão sobre o modo como está a ser representado? Parece que estamos a reproduzir uma nova forma de folclore institucional. Uma espécie de “festa da diversidade” onde se valoriza o gesto simbólico, mas se evita a partilha real de poder criativo.

Muitas vezes, o que se chama de participação é apenas um convite para que os “outros” tragam a sua presença, as suas histórias — sem, no entanto, serem reconhecidos como criadores. Falo de casos concretos. Espetáculos em que se convida uma “comunidade local” a partilhar memórias, experiências, textos. Os artistas “profissionais” incentivam a comunicação dos relatos, dirigem os ensaios e... assinam a obra. Os membros da comunidade? Talvez recebam um jantar. Em geral, seus

nomes não constam como autores e intérpretes das suas próprias histórias. Não consta que recebam direitos de autor. Não são nominalmente reconhecidos pelo uso das suas palavras, das suas ideias, das suas vidas. A peça circula internacionalmente, com sucesso, e em cada local é reencenada com um novo grupo da comunidade. Os indivíduos permanecem nas suas “caixinhas”. É desconcertante. Há uma palavra que me custa escrever, mas que aqui se impõe: exploração. Mesmo que bem-intencionada. Mesmo que disfarçada sob o manto da empatia e da justiça social. Porque há uma assimetria profunda entre quem define os parâmetros dos projetos e quem é chamado a “ser incluído”.

Os ciganos são frequentemente convidados a integrar projetos culturais “inclusivos”. Não recusam o trabalho, nem a colaboração — mas resistem, com razão, a imposições de horários e métodos que ignoram os seus hábitos, os seus tempos, os seus modos de viver. Gostam de trabalhar, trabalham muito — mas querem ser respeitados como interlocutores, não apenas como elementos decorativos numa “encenação” do respeito pela diferença. É assim que costuma acontecer num meio onde os únicos profissionais estáveis são os burocratas culturais:

quem avalia formulários de candidatura, quem aplica grelhas de critérios de inclusão, quem valida relatórios finais. Esses, em geral, têm emprego seguro, apoio, legitimidade.

Os artistas que cumprem os critérios para serem classificados como profissionais, também vão sobrevivendo. Já os artistas-membros das “comunidades-a-incluir”, por melhores artistas que sejam, continuam a servir de paleta de cores. São convocados — usados — para pintar a cena assinada pelos “artistas profissionais” e são muitas vezes chamados “os outros”. Por isso escrevo. Porque já não é só inquietude. É revolta. Não contra as intenções — mas contra os mecanismos. O que se diz ser feito em nome da inclusão muitas vezes apenas reforça as divisões. E mantém tudo no seu sítio. Cada “comunidade” permanecerá na sua caixinha. Tocando, cantando ou dançando — sempre do lado de fora da autoria e da partilha real no ato criativo.

Menos os ciganos. Benditos sejam os ciganos, que insistem em permanecer na própria caixa por admirável e teimosa opção. Eles têm a chave da própria porta.



“

Benditos sejam os ciganos, que insistem em permanecer na própria caixa por admirável e teimosa opção

”



O Algarve escolheram, ao Algarve retribuem

Lídia Costa é daquelas pessoas que parece que já nasceram de sorriso rasgado e terno no rosto. Este sorriso é como uma espécie de presente que oferece, à cabeça, a todos com quem se cruza, desde os mais abastados até aos sem abrigo que teima em resgatar da rua, para lhes dar banho, cortar o cabelo, alimentar e oferecer roupa.

TEXTO:
HUGO RODRIGUES

FOTOS:
PEDRO LEMOS E HUGO RODRIGUES

Lídia não nasceu em Portugal. Ainda «nem tinha 19 anos» quando trocou o seu Cabo Verde natal por Loulé, no Algarve, em busca de uma vida melhor, nos anos 70.

Em Portugal, encontrou aquela que se revelou a grande missão da sua vida, que lhe faz brilhar os olhos quando dela fala: ajudar os outros, principalmente os mais vulneráveis.

Como esta imigrante cabo-verdiana, há muitos mais “algarvios” nascidos noutros países que, depois de vir para o Algarve, criaram associações para ajudar o próximo, não olhando a nacionalidades, cor de pele ou religião.

E são muitas as comunidades que já têm associações que as representam na região: africanos de países da lusofonia, mas não só, sul-americanos, com o Brasil em destaque, asiáticos e europeus do Leste, mas também cidadãos dos países ricos da América do Norte e da Europa Central e do Norte.

Todas elas nasceram da vontade de ajudar.

A história da associação fundada por Lídia Costa, em Loulé, a Esperança e Paz, que atua na área da ação social, promoção da saúde e da cultura, começou bem antes desta entidade existir no papel.

«Eu levava as pessoas [sem-abrigo] lá para casa, para dar banho, dar uma sopinha e essas coisas. E o que aconteceu? Eu tenho cinco filhos e eles estavam a crescer. E eles diziam: “mãe, na mesma banheira que nós? No mesmo espaço?», recorda.

Isso levou-a a decidir procurar um local onde pudesse continuar a ajudar quem vivia nas ruas, sem que isso interferisse diretamente com a sua vida familiar.

Nessa altura, Lídia era vigilante da Santa Casa da Misericórdia, no turno da noite. Uma manhã, quando saiu do trabalho, em vez de ir para casa, decidiu andar por Loulé à procura de um espaço para arrendar.

Foi assim que se cruzou, um dia, com um homem a caiar uma casa, na rua Serpa Pinto, em Loulé.

«Perguntei se a casa era para alugar ou



para vender e ele disse que era para alugar. “Você tem quantas pessoas em casa?”, perguntou ele. E eu: «não é para eu morar, é para dar banho, cortar o cabelo, as unhas e essas coisas todas», conta.

Manuel Farrajota, o dono da casa, espantou-se e perguntou-lhe se era rica, para fazer algo assim. «Não. Sou pobre. Não tenho dinheiro no banco», recorda Lúcia.

Sensibilizado, o dono da casa aceitou arrendar a casa, com condições favoráveis.

Desde então, já passaram 25 anos, muitas pessoas foram ajudadas neste edifício, que Manuel Farrajota acabou por doar à Associação Esperança e Paz, entretanto formalmente criada.

Hoje, e já depois de ter sido uma casa de acolhimento para quem mais necessitava, a sede da Esperança e Paz serve, ao mesmo tempo, como espaço de trabalho, onde se fazem massagens terapêuticas e fisioterapia, mas também como uma espécie de centro de convívio, onde, por exemplo, um grupo de batucadeiras de Cabo Verde e de instrumentistas se reúne para ensaiar.

E, claro, um local onde os mais necessitados têm sempre porta aberta e uma dose maciça de humanismo à espera.

Lúcia Costa também é a grande dinamizadora da Festa de Maio, onde a comunidade cabo-verdiana se dá a conhecer e celebra a sua cultura, em Loulé.

No Algarve, há ainda outras associações representativas de comunidades do continente africano, como a All Mo-zambi e a ESOSA – Associação Africana, para dar apenas alguns exemplos

Quem também passou grande parte da sua vida a zelar pelo bem-estar dos outros, primeiro a nível profissional e, mais tarde, como voluntário, é David Thomas.

Este inglês, radicado no Algarve fez 20 anos em Maio, foi o grande impulsionador da criação da Safe Communities Algarve – hoje Safe Communities Portugal –, uma associação sem fins lucrativos que se foca na segurança da comunidade estrangeira e que trabalha em articulação com as autoridades portuguesas, seja as forças de segurança, seja as de Proteção Civil.

Hoje, esta associação tem, nos seus órgãos sociais, pessoas de oito nacionalidades, do Reino Unido, Portugal, Itália, Estados Unidos, Espanha e Nepal.

Quando criaram a associação, em 2012, no seguimento de uma vaga de criminalidade muito dirigida a residentes estrangeiros, os seus fundadores queriam «divulgar informação e ter a certeza de que as pessoas estavam mais sensibilizadas para a prevenção da criminalidade, mas também da Proteção Civil».

Para isso, foram criadas pontes e uma relação forte com as diferentes autoridades, que ainda hoje perduram.

O trabalho da Safe Communities não só ajudou a enfrentar a vaga de criminalidade que inspirou a sua criação, ao fazer a ponte entre as vítimas estrangeiras e as diferentes



forças policiais, como também permitiu ajudar a preparar os estrangeiros que vivem em zonas rurais, mais vulneráveis a fogos.

«Atualmente, a maior parte do nosso trabalho envolve esse lado da Proteção Civil, de estar preparado, de adaptação. (...) As pessoas, quando se mudam para Portugal, onde é que irão viver? Se for numa zona rural, têm de estar conscientes de que os riscos de incêndio são elevados», explica David Thomas, numa conversa sempre pautada pela boa disposição.

Também foi a pensar na proteção de outros, principalmente das vítimas de violência doméstica, que nasceu o Grupo Mulheres do Brasil, cujo núcleo algarvio é ainda bem recente.

«Nós somos um grupo suprapartidário, que luta pela igualdade e pelos direitos da mulher. O grupo foi criado no Brasil, em 2013, por 40 mulheres de diferentes segmentos, na fronteira do empreendedorismo. O grande objetivo é engajar a sociedade civil na conquista de melhorias para o país,





no nosso caso, Portugal», conta à Revista DOIS Márcia Guilardi, que, a par de Graziela Sousa e Natália Rocha, fundou e colidera o Grupo Mulheres do Brasil Algarve.

Apesar do nome, esta organização «acolhe e ajuda mulheres de qualquer raça, qualquer credo», através de trabalho voluntário, que passa muito pelo contacto com as instituições e as associações existentes e os grupos que já fazem esse trabalho social.

«Nós vemos de que forma podemos ajudar e fazemos essa ligação. É uma rede de contactos, através da qual vamos ajudando, vamos dando força aos trabalhos que já estão

sendo desenvolvidos», acrescenta a imigrante brasileira.

O grupo organiza-se em comités, direccionados a diferentes áreas. «Aqui no Algarve já temos o Comité dos Direitos da Mulher, o Comité Social, o de Saúde, o de Empreendedorismo e o de Boas Vindas. Existem as líderes de cada comité e as diferentes voluntárias nessa área, que são pessoas já direccionadas e que querem vir somar ao trabalho. Temos assistente social, terapeuta, psicóloga e uma advogada voltada para a área da imigração, que é a nossa mais nova voluntária».

A comunidade brasileira é a mais numerosa, no que toca

à imigração, no Algarve.

Também muito significativo é o número de imigrantes de países de Leste, como a Rússia, a Ucrânia, a Moldávia e a Roménia, entre outros.

Uma das associações que representa estas comunidades é o CAPELA – Centro de Apoio Países de Leste e Amigos, que foi fundada em Portimão em 2005 e que hoje conta com quase dois mil associados, de 32 nacionalidades.

«O CAPELA foi criada por três pessoas imigrantes de leste: uma moldava, uma russa e uma ucraniana. A associação surgiu por causa da necessidade de aprendizagem da língua portuguesa, que é o primeiro problema para nós», enquadra Ludmila Moghilevscaia, num português pausado,

mas quase perfeito.

A primeira professora foi uma das fundadoras, «uma senhora russa casada com um português que viveu muitos anos nos Estados Unidos da América e trabalhou no departamento de imigração de lá. Ela falava a língua russa e a portuguesa».

Apesar deste foco inicial, depressa a missão da associação se alargou, passando a promoção da integração dos seus associados na sociedade portuguesa a ser o objetivo principal do CAPELA.

Este recetrar da missão deu-se porque, «no processo de integração, começaram a surgir alguns problemas, na Segurança Social, com a legalização e outros. E a nossa professora começou a acompanhar as pessoas nas suas idas aos diferentes serviços».

Por outro lado, o CAPELA começou a angariar informação e a disponibilizá-la nas diferentes línguas maternas dos seus associados.

«Passado um ano, abrimos um Gabinete de Apoio aos Imigrantes, no qual eu comecei a trabalhar como técnica, em 2006, e onde continuo ainda hoje. Este é, atualmente, o nosso principal projeto. Fazemos atendimento todos os dias úteis, das 8h00 às 17h00, e duas vezes por semana em horário alargado. No sábado, fazemos atendimento, mas só por marcação», conta Ludmila.

Os técnicos deste gabinete também acompanham os imigrantes aos diferentes serviços.

E, apesar do nome da associação remeter para os imigrantes de Leste, não é negada ajuda a ninguém.

«Nós dizemos que a nossa casa é uma casa aberta, porque está aberta a todos os imigrantes, independentemente da raça, da idade, da nacionalidade e da religião».

É igualmente em Portimão que está sediada uma associação representativa da comunidade estrangeira, que também nasceu da necessidade de lidar com as diferentes entidades portuguesas, embora numa perspetiva bem distinta.

Criada em 1987, a AFPOP – Associação de Residentes Estrangeiros de Portugal nasceu para dar apoio aos proprietários de casas estrangeiras, na altura, principalmente do Reino Unido.

«O grande boom do imobiliário, aqui no Algarve, começou no final dos anos 70, início dos anos 80. Havia muita gente de fora a comprar casa, mas a maioria estava a investir a pensar no futuro. Compravam terrenos, quintas





ou ruínas. A ideia era, muitas vezes, investir a pensar na reforma ou em casa de férias», explica à Revista DOIS Michael Reeve, diretor executivo da AFPOP desde 2005.

Nos anos 80, recorda, «a burocracia era inacreditável e as regras mudavam de concelho para concelho. Isto além das regras de âmbito nacional, que as pessoas tinham também de conhecer».

Foi assim que nasceu o grupo informal que havia de dar lugar à associação.

«Este grupo era de pessoas que investiram, na sua maioria, na Quinta do Lago, zona de Almancil e em Vila-moura. Tinham uma espécie de rede de autoajuda, na qual se mantinham em contacto e passavam informação. Mas, de repente, perceberam que eram já algumas 400 ou 500 pessoas, nessa rede», lembra.

Isto levou à criação da AFPOP, para que houvesse alguém dedicado a tempo inteiro à coordenação e envio da informação aos associados. Hoje, são oito os funcionários que ali trabalham.

Outra das razões para a criação da associação foi a necessidade de ter referências de prestadores de serviços de confiança, como por exemplo «um bom advogado, um bom contabilista, técnicos de piscina ou empreiteiros de confiança».



Isso levou à criação de um portefólio de serviços, que não só existe ainda hoje, como ganhou grande importância na atividade da AFPOP.

Atualmente, este portefólio tem «cerca de 450 negócios, a maioria dos quais de portugueses».

Foi esta vocação da AFPOP que a levou a criar, em 2003, a feira BLiP – Better Living in Portugal, que normalmente tem lugar em Portimão e que se assume cada vez mais como uma ponte entre os residentes e a comunidade estrangeira e que tem um forte pendor económico.

E se, nos primeiros anos, esta feira juntava exclusivamente negócios de pessoas estrangeiras, hoje o número de empresas portuguesas «é já de cerca de 40% do total». Também as IPSS algarvias têm espaço neste certame, que lhes é cedido graciosamente.

Hoje, a AFPOP tem mais de 8 mil associados, «de todos os continentes. Só não temos, que eu saiba, ninguém da Antártica. Não há pinguins entre os nossos associados», disse Michael Reeve, com uma gargalhada.

Os associados naturais do Reino Unido são a maioria, seguidos pelos norte-americanos, um contingente «que tem crescido muito e já representa cerca de 25%» dos membros da AFPOP.

Seguem-se «alemães, holandeses, escandinavos e irlandeses. Também temos dois filipinos e dois chineses», exemplifica.

Ajudar sem olhar a quem

Paramjit Singh acolhe-nos no seu restaurante, em Olhão, com um sorriso aberto, um jeito tímido e um turbante de cor garrida.

Este é um dos vários negócios que abriu desde que imigrou da Índia para o Algarve.

Paramjit é sikh (ou sique), um povo originário do Punjab, que tem também a sua própria religião, muito distinta do hinduísmo, predominante na Índia, e do islamismo, predominante no Paquistão, os dois países pelos quais se divide, atualmente, a região do Punjab.

A comunidade sikh, como outras de países indostânicos, tem vindo a crescer, no Algarve e em Portugal.

Neste momento, «há cerca de 10 mil sikhs», boa parte dos quais «veio nos últimos três ou quatro anos».

Isso levou a que, à semelhança do que já acontece em Lisboa, os imigrantes sikh do Algarve se tenham organizado numa associação, com o objetivo de «ajudar os outros e

PUBLICIDADE

noites no mirante MONCHIQUE 2025

8 AGOSTO
SEX - 19H00

Tributo QUEEN
RICHE CAMPBELL
KARETUS

9 AGOSTO
SAB - 19H00

Tributo Amy Winehouse
CIÃ
FESTA M80

CONCERTOS TASQUINHAS LIVE MUSIC GASTRONOMIA LOCAL

entrada livre

PORTUGAL Algarve PORTUGA MONCHIQUE



Em Lisboa, centenas de pessoas já doaram sangue e vão continuar», conta Paramjit, que faz parte da direção da associação algarvia.

«Também queremos fazer algo que a comunidade de Lisboa, que tem mais anos, já faz, que é plantar árvores», para ajudar à reflorestação».

Ainda neste campo, os sikhs do Algarve estão a preparar-se «para ajudar, caso haja incêndios florestais na região, levando comida, água e outras coisas que sejam precisas, à população e aos bombeiros».

«A comunidade sikh funciona assim: Onde nos fixamos, temos de dar aos outros parte do que ganhamos. Se eu ganhar cem euros, tenho de os usar para ajudar pessoas fora da comunidade, da forma que for possível. Ajudamos naquilo que for necessário», explica.

Em Portugal, existem também associações de outros povos asiáticos, nomeadamente da Índia, China e Nepal, a maioria sediadas em Lisboa.

O que todas estas associações com quem falámos e aqueles que as dinamizam têm em comum é que trabalham não só em prol dos seus, mas também do país que os acolheu, dos portugueses, muitas vezes com um sentido de humanismo e tolerância que nem todos lhes retribuem.

Isso não impede Lídia, David, Márcia, Ludmila, Michael, Paramjit e muitos outros que escolheram Portugal para viver e trabalhar, de continuar a ajudar, com um sorriso no rosto.

— **OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA**

a Lídia Costa, usando este QR Code.



“

A comunidade sikh funciona assim: Onde nos fixamos, temos de dar aos outros parte do que ganhamos.

”

mostrarmos a nossa cultura».

A parte de ajudar o outro, para um membro deste povo, não é um cliché: é uma obrigação.

«Estamos a tentar, à semelhança da nossa comunidade em Lisboa, organizar-nos para fazer uma recolha de sangue [entre eles] e doá-lo [ao Serviço Nacional de Saúde].

SALIR[®] NO TEMPO

ÉPOCA MEDIEVAL

18 · 19 · 20 | ZONA HISTÓRICA
JULHO 2025 | SALIR



RECRIAÇÕES HISTÓRICAS • ESPETÁCULOS CIRCENSES • TEATRALIZAÇÕES • TORNEIOS DE ARMAS
ANIMAÇÃO ITINERANTE • MERCADO MEDIEVAL • FALCOARIA • ACAMPAMENTOS • GASTRONOMIA
E MUITO MAIS...

BILHETES À VENDA NO LOCAL

ORGANIZAÇÃO

PARCEIRO



CM-LOULE.PT



SALIRNOTEMPO

loulé
Aqui e Agora



ALGARVENSIS
GEOPARQUE





Quando o desporto os faz ficar

Quando o acaso do destino atrai imigrantes para o Algarve, parece inevitável que a região se cole para sempre à pele. É assim tanto com a *bodyboarder* filha de alemães que aqui nasceu e se tornou a menina do mar de Sagres, como com o futebolista jugoslavo que criou quatro filhos que mais tarde competiram sob bandeira portuguesa. Já para as cinco andebolistas dos PALOP que, em Lagos, procuram cumprir o sonho da Europa, esse é um caminho que está agora a começar, dentro e fora de campo.

FOTOS:
PEDRO LEMOS

TEXTO:
EDGAR PIRES

«Mesmo por acaso», foi nos anos 80 que um casal de alemães chegou ao Algarve. Eram «viajantes pelo mundo», o cantinho ibérico estava no percurso. Passaram por Espanha e, depois, havia Portugal para descobrir.

«Acho que, como muitos estrangeiros naquela altura, gostaram tanto que há pessoas que ficam aqui coladas. E eles ficaram aqui colados, mesmo», conta à revista DOIS a *bodyboarder* Joana Schenker, campeã mundial em 2017, sobre a grande aventura dos seus pais.

Há 38 anos, «foi amor à primeira vista» para esses germânicos, que a princípio «nem tinham intenções» de se mudar.

Foi no extremo sudoeste do continente europeu que assentaram. Primeiro, arrendaram uma casa na Vilarinha, no concelho de Aljezur. Depois, aproveitando o preço «barato», compraram um terreno na Pedralva, em Vila do Bispo, para construir uma casa.

«Às vezes, mais do que amor pela paisagem, é mesmo pelo sentimento do sítio. Dessa geração, há muita gente que se fixou aqui», sublinha a luso-alemã.

Joana é a primeira filha a nascer – depois vieram mais três irmãs. Todas tiraram «o máximo proveito da natureza».

Afinal, era esse mesmo o objetivo dos pais quando ali se fixaram.

Por questões familiares, ainda dividiu parte da infância entre Portugal e Alemanha. Mas, mesmo na altura, quando estava em solo luso, era na praia, no contacto com o mar, que encontrava a razão de ser.

«Eu lembro-me de estar sempre na praia, ou no Amado, ou na Ingrina... de passar todos os dias na praia. Eu acho mesmo que o *bodyboard* foi só uma extensão do meu gosto pelo mar, porque eu já era uma menina do mar», declara, de sorriso rasgado.

Com 13 anos, já tinha experimentado equitação e karaté. O *bodyboard* surge «pela influência» dos amigos da escola. Joana queria estar com «os meninos mais fixes» e esses já praticavam a modalidade.

«Experimentei e ficou logo. Adorei a experiência de deslizar na onda, não dá para explicar muito bem. A partir daí,



comecei na brincadeira, e depois comecei a ir todos os dias para a praia com eles», recorda.

Começa a competir e a progressão mostra-lhe que não havia outra saída: «Começou a correr melhor e, à medida que vai correndo melhor, eu vou investindo mais tempo, ficando mais motivada.»

A evolução pessoal e os resultados dão ainda mais vontade, a vida passa a ter outro sentido. «Isto foi sempre em crescendo, até um ponto em que tudo o que eu fazia era bodyboard. Até faltava às aulas», refere.

Em paralelo, Joana Schenker já se sentia «superportuguesa». Quer em casa, quer «na escola pública», acentua, havia convívio com crianças portuguesas e estrangeiras.

«Nunca me senti diferente, nem tratada de forma diferente: é uma coisa muito bonita em Portugal. Nunca senti que era a estrangeira», frisa.

Em 2014, face à necessidade de se naturalizar portuguesa, «por questões desportivas», o que já sentia como realidade ficou finalmente expresso «no papel» com a dupla nacionalidade.

«É muito interessante, porque só aí é que foi oficial uma coisa que eu sempre senti a minha vida toda», diz.

Schenker, de 37 anos, confessa que mistura «a genética alemã com a cultura portuguesa». Do lado germânico, é fã da pontualidade, da «eficácia» de fazer as coisas no momento e não deixar arrastar. Facto comprovado: não será

apenas uma vez que se lamenta por, devido a uma confusão de horários, ter chegado ligeiramente atrasada ao encontro da reportagem da DOIS.

«Mas tudo o resto é português» – a descontração, não levar a vida demasiado a sério, aproveitar melhor todos os momentos, enumera. Tanto assim é que, agora, quando vai à Alemanha, sente-se «quase uma estrangeira».

Com o espírito aventureiro dos pais, as suas três irmãs já emigraram, mas, para Joana, esse é um cenário que «não faz sentido».

Afinal, está «no melhor sítio do mundo» para fazer o que faz, embora a água não esteja propícia a treino quando a encontramos, numa manhã de Maio, na praia da Cordoama.

«O Algarve é a minha casa. Muito mais do que me sentir portuguesa, sinto-me algarvia. Que também é mais uma camada», declara.

E sob essa camada, há uma cidadã local que também olha para os problemas do concelho e tem dado a cara pela defesa da sustentabilidade marinha e dos oceanos.

«Depois, mais do que me sentir algarvia, sinto-me realmente sagrense, de Vila do Bispo, que também é mais uma camada», completa.

Nem consegue imaginar o que seria se os pais, por acaso, tivessem ido parar a outro sítio qualquer. Na verdade, Joana Schenker sente-se «a maior sortuda do mundo por estar aqui». «Acho que ganhei o jackpot do destino», conclui.



«Depois, mais do que me sentir algarvia, sinto-me realmente sagrense, de Vila do Bispo, que também é mais uma camada»

De um acaso, nasceu uma história de amor

Também foi por acaso, graças a um mero sorteio de uma competição europeia de futebol, que Milonja Djukic, natural da antiga cidade de Ivangrado, hoje território da República do Montenegro, descobriu pela primeira vez o Algarve.

Era uma jovem promessa do Partizan, um dos principais clubes jugoslavos, que em Setembro de 1985 teve de defrontar o Portimonense, na 1ª eliminatória da antiga Taça UEFA.

«Aterrámos no Aeroporto de Faro uns dias antes do jogo, ficámos em Portimão. O primeiro jogo da eliminatória foi aqui, perdemos 1-0. Voámos outra vez aqui de Faro, e em casa mostrámos que éramos mais fortes [4-0]. Há 40 anos, é incrível!», lembra, à revista DOIS.

Seis anos passaram e, no Verão de 1991, o destino do futebol permitiu-lhe o reencontro com a região – de onde nunca mais saiu.

Depois de deixar o Trabzonspor, na Turquia, Djukic estava na terra natal da esposa – Novi Sad, hoje na Sérvia –, já o início do conflito armado que originou a dissolução da antiga Jugoslávia se tinha dado.

«Tinha um filho com 2 anos, o Stefan, o segundo acabado de nascer, o Filip, em Julho», conta.

O compatriota Curcic, que tinha sido titular do Farense na temporada anterior, mas estava de saída, foi uma ajuda importante.

«A direção perguntou-lhe como é que eu era. E ele, era um grande homem, respondeu: ‘é melhor do que eu’, relata, bastante comovido, sobre o seu antigo colega de equipa no Vojvodina, entretanto falecido.

Lembrava-se do Algarve do bom clima, do bom tempo, por isso, apesar de ter mais propostas, a escolha estava tomada.

«Optámos por vir, com contrato de dois anos. Não pensava no futuro, era para os miúdos crescerem, com calma, e depois logo se via. Mas o resto é história!», exclama o antigo jogador montenegrino.

Iniciou assim um ciclo de sete anos em que, entre outros



FATACIL

LAGOA

22-31 AGOSTO
2025



22 AGO

FERNANDO DANIEL

23 AGO

FESTA M80



24 AGO

BADOXA

25 AGO

NININHO VAZ MAIA



26 AGO

WET BED GANG

27 AGO

VAN ZEE



28 AGO

QUIM BARREIROS

29 AGO

MATIAS DAMÁSIO



30 AGO

DELFINES

31 AGO

MARIZA



jogadores estrangeiros – Hassan, Hajry, Pitico, Peter Rufai, com todos partilhado balneário –, foi uma das principais referências «dos melhores momentos» da formação de Faro. «Deixei marca», assegura, com indisfarçável orgulho.

Dois anos depois de chegar, continuava a guerra na Jugoslávia. Renovou contrato, à espera que as coisas acalmassem.

Três anos depois, mais um contrato assinado, desta vez o último. «Adaptámo-nos facilmente, os miúdos também, já estavam na escola, em 1997 chegou mais uma filha, a Sara. Sentíamo-nos em casa», comenta.

Terminou a carreira em beleza: em 1998, quando marcou o golo da vitória sobre o Rio Ave (1-0), que garantiu a manutenção dos algarvios na I Divisão, decidiu pendurar as botas.

Daí para cá, Djukic dedicou-se ao mundo do agenciamento de futebolistas, abriu portas a muitas promessas e concretizou ainda mais negócios, enquanto, pelo meio, explorava um café na baixa da capital algarvia, que ainda hoje mantém. E teve o quarto filho, Andrei, em 2007.

Aos 59 anos, sente-se como se sentia há 40 anos. «Sou jugoslavo... Mas sou respeitado no Montenegro, na Sérvia, na Macedónia, na Croácia, na Eslovénia, por onde passe. Independentemente de como ocorreu a separação. Eu penso assim, como sei que pensam outros antigos jogadores do meu tempo. Tenho amigos nesses países todos, onde também joguei. A guerra é uma coisa política», sustenta.

E, «obviamente», também se sente «um pouco algarvio».

«Já passei no Algarve mais de metade da minha vida, os meus filhos cresceram aqui, é quase como se tivesse nascido aqui. É tranquilo, sem stress, sem confusões», destaca.

Milonja Djukic não só passou o gene do desporto aos filhos, como já os viu competirem e, bem mais revelador para quem é filho de estrangeiros, superarem-se sob a bandeira portuguesa.

Stefan, o mais velho, foi internacional sénior no basquetebol e, quando a família descobriu as artes marciais, Filip e Sara triunfaram por Portugal em competições internacionais de kempo.

Andrei, o mais novo, é agora «um grande projeto» da seleção portuguesa de *muaythai* e *kickboxing*.

«Os meus filhos sentem-se portugueses, mas lá em casa fala-se sérvio. Falam e escrevem sérvio, porque só assim conseguem conviver com a família, com os avós, nas férias. E os meus filhos também já ensinam a língua aos meus netos», vinca, sobre a importância de manter a ligação «às raízes».

Em Lagos, em busca do sonho

Para as andebolistas cabo-verdianas Iliana Cardoso e Jorgeana Carvalho, que brincaram, estudaram e jogaram juntas, em clubes e seleções, quase toda a vida, a relação com o Algarve é mais curta no tempo.

Tem pouco mais de dois anos: uma porta abriu-se, por acaso, quando uma compatriota que já jogava no Gil Eanes, em Lagos, lhes apontou o caminho desportivo para Portugal.



As duas jogadoras não duvidaram: viajaram do seu país natal «à procura do sonho de jogar na Europa», mas também em busca de novas oportunidades.

Objetivos que vão partilhando, num contexto de semi-profissionalismo, com as angolanas Esmeralda Miguel, Filipa Manuel e Constantina Domingos.

Estas cinco atletas constituem o núcleo duro dos PALOP (Países Africanos de Língua Portuguesa) que faz vibrar o conhecido Gil Eanes, clube sediado na escola homónima da cidade lacobrigense e que já foi campeão nacional feminino de andebol, visitado pela reportagem da DOIS no dia do último jogo da época 2024/25.

Para Iliana, de 24 anos, e Jorgeana, dois anos mais velha, a história começa na escola, em São Domingos, uma vila no interior da ilha de Santiago. O andebol foi um desafio colocado por um professor e a evolução foi acelerada.

Bastou um ano para chegarem às seleções jovens cabo-verdianas, representaram o Garridos de São Domingos, a principal base de formação de andebolistas na ilha, e daí mudaram-se para o ABC da Praia.

Em 2022, foram convocadas para o Campeonato Africano feminino de seniores, na companhia de Tânia Afonseca, que na altura jogava no Gil Eanes. «Foi ela que nos abriu a porta para jogar aqui, fez a ponte com o clube», lembram.

Qualquer jogador «quer vir jogar na Europa», era impossível dizer não. «Era o meu sonho. Encontrei a primeira oportunidade e agarrei», declara Iliana, enquanto Jorgeana «tinha o sonho de jogar em Portugal», fosse onde fosse.

As duas andebolistas cabo-verdianas mudaram juntas de vida e de país, meio caminho andado para uma adaptação que correu muito bem.

«Começámos na mesma escola juntas, jogámos juntas, fomos para as seleções juntas, viajámos juntas e vivemos aqui juntas», relata Iliana.

A compatriota completa: «ajuda muito, é bom teres uma pessoa que já conheces há muito tempo, para conversar, que fala a mesma língua, que te entende.»

Falam de um Algarve «acolhedor, caloroso», onde as pessoas são abertas e as «tratam como família». Nunca sentiram episódios de discriminação.

Estudavam Educação Física na universidade, no país natal, mas o reverso da medalha mostra-se no facto de não poderem fazer a equivalência em Portugal. «É um processo impossível, devia ser mais facilitado», lamentam.

Quando o andebol pára, nos meses de Verão, as duas cabo-verdianas são, como milhares de outras pessoas no Algarve, reforços do mercado sazonal de emprego, designadamente na hotelaria.

Publicidade

Festival do Marisco

09 a 14 de Agosto 2025 - Olhão
Jardim Pescador Olhanense

Bilhete Adulto
diário 10€ | *semanal 54€

Bilhete Criança
diário 5€ | *semanal 27€
Crianças com idades entre os 7 e os 12 anos

*Crianças até aos 6 anos não pagam bilhete, desde que acompanhadas por um adulto.
*Bilhete semanal - venda exclusiva no site da Ticketline até dia 8 de agosto

 DIA 09 D.A.M.A.	 DIA 10 NINHO VAZ MAIA	 DIA 11 XUTOS & PONTAPÉS
 DIA 12 IVANDRO	 DIA 13 RICHIE CAMPBELL	 DIA 14 MENOS É MAIS

Olhão Festival

“

Ajuda muito, é bom teres uma pessoa que já conheces há muito tempo, para conversar, que fala a mesma língua

”



O objetivo, porém, é continuar em Lagos. «A trabalhar e a jogar», solta Jorgeana.

Já Iliana tirou um curso de Cozinha/Pastelaria e tem outro sonho para cumprir: «É uma paixão, é o que me deixa mais confortável, além do andebol. Gostava muito de ser uma pasteleira de sucesso».

O semiprofissionalismo também é uma realidade para as angolanas Filipa Manuel, de 29 anos, e Esmeralda Miguel, de 31. O fim de carreira está mais próximo e já obriga a pensar no futuro, mas sair do Algarve está longe de ser a primeira opção, dizem à revista DOIS.

Partilham uma relação umbilical com o andebol, modalidade rainha em Angola. Para Filipa, a ligação acontece pelo pai, treinador, e pela tia, jogadora. Já Esmeralda nasceu «numa família de desportistas», com três tias, da parte materna, «referências» na modalidade.

Esmeralda, que passou pela Alemanha antes de chegar ao Algarve, já sente «cansaço», teme uma lesão grave, só pensa fazer mais uma época.

Está a trabalhar como cuidadora de idosos, mas gostaria de focar-se na Fisioterapia, área em que se formou no país natal. «Quero pensar no futuro e dar espaço às mais novas», conclui.

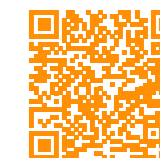
Filipa Manuel passou por Aveiro, está há dois anos em Lagos – há poucos meses recebeu a irmã e também andebolista Constantina –, trabalha em hotelaria e tem um plano para os próximos anos.

«Gostei de Aveiro, mas senti mais discriminação, nada que me atrapalhasse. Aqui foi super tranquilo. Lagos é um sítio caro, mas muito bom para viver. Estou a criar um filho e quero que ele cresça aqui, com as melhores condições de educação. Seria muito bom para nós», declara.

Que o diga a Joana, que por acaso nasceu no Algarve, e hoje é uma referência do desporto na região, ou o Milonja que, depois de anos a dar alegrias aos farenses, decidiu por cá ficar e retribuir tudo o que a cidade lhe deu.

OIÇA A ENTREVISTA COMPLETA,

com Joana Schenker, usando este QR Code



ADRIANA FREIRE NOGUEIRA
PROFESSORA ASSOCIADA DA
UNIVERSIDADE DO ALGARVE



Do que é que nos esquecemos?

Quando aceitei escrever para este número da revista DOIS, sobre “multiculturalidade”, pensei que não seria muito difícil, porque o que somos é o resultado das diversas culturas a que nós, neste território, fomos sendo expostos ao longo de milénios. Afinal, somos um país multicultural desde o início da nacionalidade, ou não fosse o primeiro rei filho de uma infanta do Reino de Leão (na atual Espanha) e de um conde de Borgonha, nascido em Dijon (ambas localidades francesas). Quanto ao povo que aqui habita, é descendente de vários outros que por cá aportaram, desde a pré-história, com os neandertais, *homo sapiens*, celtas, romanos, suevos, vândalos, visigodos, árabes... Todos estes deixaram as marcas dos seus genes, das suas religiões, das suas línguas, da sua cultura. Ingenuidade minha, porque não é simples, porque nada que tenha a ver com mudanças é simples. Porque o contacto com os outros, necessariamente, muda-nos. Esperançosamente,

para melhor, mas nem sempre. Porque a realidade faz-nos pensar em valores e em como as liberdades adquiridas não estão garantidas. Porque receamos o “Outro”, esquecendo-nos que somos também esse “Outro”.¹ Como classicista, não consigo deixar de pensar no mundo antigo, nos “meus” gregos e romanos. Penso neles, sobretudo, porque muitas descobertas científicas já há milénios que foram equacionadas e, parece, mais uma vez esquecidas. O astrofísico Carl Sagan, no *Cosmos*, faz a isso referência (p.222):

A ideia fundamental de que a Terra é um planeta, de que nós somos cidadãos do universo, foi rejeitada e votada ao esquecimento. O primeiro a defender esta ideia foi Aristarco, nascido em Samos três séculos depois de Pitágoras. Aristarco foi um dos últimos cientistas jónicos.²

Penso neles, porque reconheço como seria bela uma sociedade como a que Péricles apresenta como sendo a da Atenas do século V a.C. (que veio a ser

conhecido como “o século de Péricles). A sua morte em 429 a.C., escassos dois anos depois de ter pronunciado esta “Oração Fúnebre” dedicada aos que tinham morrido na então incipiente Guerra do Peloponeso, não o deixou assistir à decadência da democracia, que ele tão bem elogiou:

“2.38.2. Também, em virtude da grandeza da nossa cidade, todos os produtos de todo o mundo entram aqui e o resultado é que gozamos com o mesmo prazer produtos gerados por nós ou por povos de outras terras. 2.39.1. [...] Abrimos a nossa cidade a todo o mundo e não existem, como em Esparta, medidas para manter os estrangeiros fora da cidade, nem impedimos ninguém de aprender ou ver aquilo que, porque não foi escondido, pode ajudar qualquer dos nossos inimigos que o veja.”³

Mas, como a História nos mostrou, este ideal pouco durou.

Do que é que nos esquecemos do mundo antigo? Sendo impossível



discutir esse assunto em poucas palavras, diria que, antes de mais, esquecemo-nos frequentemente de que era um mundo multicultural. O Mediterrâneo e outros mares (como o Egeu, Adriático ou Tirreno) uniam povos muito diferentes. Basta olhar um mapa do séc. VI ou V a.C., que vemos gregos, romanos (sim, a fundação de Roma é tradicionalmente localizada no séc. VIII a.C. – se bem que até haja vestígios anteriores), egípcios, cartagineses, líbios, lídios, cários, mísiolos, em territórios onde hoje temos a Turquia, a Síria, o Líbano, Israel, e muitos outros que mantiveram – ou não – os mesmos nomes de antanho. Que estes povos estabeleceram relações comerciais, guerrearam, aprenderam uns com os outros, adotaram costumes e divindades. Que um estrangeiro – um estranho, um forasteiro (um *xénos*, em grego) – não é necessariamente um inimigo. Nos poemas homéricos, vemos a filha do rei dos Feaces a acolher Odisseu,

náufrago e sem roupa (6.206-210): “Mas este homem infeliz até aqui vagueou: dele devemos tratar/ pois é de Zeus que vêm todos os estrangeiros e mendigos; / e qualquer dádiva, embora pequena, é bem-vinda./ Portanto ao estrangeiro, ó escravas, dai comida e bebida; / e banhai-o no rio, em local protegido do vento”.⁴ Numa sociedade como a nossa, que se assume de matriz cultural judaico-cristã, as palavras de Frederico Lourenço, em nota a este passo, ainda fazem mais sentido: este autor reconhece que há aqui um “sentimento antecipatório da mensagem de Jesus Cristo e, mais especificamente, do vocabulário colocado pelo evangelista Mateus na boca de Jesus (...): ‘Era eu estrangeiro [*xénos*] e acolheste-me’ (Mateus 25:35; cf. 25:43). No caso da outra palavra aqui usada (...) (*ptókhós*, ‘mendigo’), todos os evangelistas a colocam na boca de Jesus”. Esta norma social da hospitalidade da Grécia arcaica está na base do

conceito de “identidade hospitaleira”⁵ (que contrasta com “uma noção de identidade unidimensional”), criado a partir de vários pensadores, e que tem de ser dialogante, relacional e aberta para o futuro.⁶ Se queremos ser recebidos, temos de receber, se queremos que nos conheçam, temos de conhecer. Através das trocas culturais, conseguimos perceber que “muito mais é o que nos une/ que aquilo que nos separa”⁷. Termino com uma frase atribuída⁸ a Sócrates, aqui, nas palavras do grego Plutarco (séc. I-II d.C.): “Não sou Ateniese nem Grego, mas sim Cidadão do Mundo”.⁹

¹ Como diz Thomas Hora, apud Paul Watzlawick et al. *Pragmática da Comunicação Humana*, São Paulo, Cultrix, 1993, p.32: “Para entender-se a si mesmo, o homem precisa ser entendido por um outro. Para ser entendido por um outro, ele precisa entender o outro.”

² Carl Sagan, *Cosmos*, Lisboa: Gradiva, s.d. Tradução de Maria Auta de Barros et al.

³ Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Tradução de Raul M. Rosado Fernandes e M. Gabriela P. Granwehr.

⁴ Homero, *Odisseia*, Lisboa, Quetzal, 2018. Tradução, notas e comentários de Frederico Lourenço.

⁵ João Maria André, *Pelos caminhos de Hermes: culturas, educação, hospitalidade e mediação*. Coimbra, Grácio Editor, 2024, p.145.

⁶ Resumo de André, *idem*, *ibidem*.

⁷ Como cantava Rui Veloso em 2002., com versos de Carlos Tê, em *Primeiro Beijo*.

⁸ Por autores como Cícero (séc. I a.C.) ou Musónio Rufo (séc. I d.C.).

⁹ Tradução de J. A. Segurado e Campos, na nota 210 à tradução de Cícero, *Diálogos em Túsculo*, 5.108. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.



FOTOGRAFIAS:
PEDRO LEMOS

TEXTO:
HUGO RODRIGUES

David Thomas, ao serviço da Coroa e dos Algarves

Começou por ser programador informático, porque «gostava de matemática», mas achou este trabalho entediante. Depois de uma breve passagem pelo setor bancário, ingressou na mítica Royal Air Force, com o objetivo de ser piloto, mas não se deu bem a voar pelos ares. Encontrou a sua verdadeira vocação a milhares de quilómetros de casa, onde trabalhou décadas como oficial de polícia.

Este é um resumo breve da vida de David Thomas, mas está longe de ser aquilo por que é conhecido por muitos algarvios e, acima de tudo, por uma boa parte da comunidade estrangeira da região e do país.

Este cidadão britânico, radicado há duas décadas no Algarve, é o fundador e, ainda hoje, presidente da *Safe Communities Portugal*, uma associação que nasceu há mais de uma década para promover a segurança e a comunicação entre as autoridades portuguesas e a comunidade estrangeira, trabalho que até mereceu o reconhecimento oficial da própria Rainha Isabel II.

Desde 2012 que esta associação faz a ponte entre a GNR, a PSP, o SEF (entretanto extinto) e a comunidade de estrangeiros residentes: não apenas provenientes do Reino Unido, mas de vários Continentes.

E não se pode falar desta associação, que nasceu no Algarve mas que é hoje de âmbito nacional e que está

sempre na linha da frente, quando há situações de crise, sem falar de David Thomas.

«Em 2010, houve uma onda de criminalidade muito grave, sobretudo no interior da região, dirigida principalmente a estrangeiros, muitas vezes casais de idosos. Era muito, muito preocupante», recorda David Thomas, numa entrevista à Revista DOIS.

«Nessa altura, encontrei-me com a Isilda Gomes, que era a governadora civil. Disse-lhe que era residente, que tinha trabalhado na polícia e perguntei se havia alguma coisa que pudesse fazer para ajudar», acrescenta.

A oferta de ajuda foi bem acolhida e David sugeriu a criação de «uma associação que pudesse funcionar como uma espécie de ponte. Porque o problema era que a PSP e a GNR tinham dificuldade em comunicar com a comunidade estrangeira. Da mesma forma, a comunidade estrangeira não compreendia o trabalho da GNR. Assim, o que era necessário era uma aproximação entre os dois».

Foi assim que nasceu a *Safe Communities*, que foi registada oficialmente em 2012 e começou logo a interagir com as autoridades portuguesas.

«Ajudávamos-nos mutuamente, partilhávamos informação e esse tipo de coisas. Nos dois ou três primeiros anos, realizámos provavelmente 30 ou 40 seminários por todo o Algarve, dirigidos sobretudo à comunidade estrangeira, mas,

claro, abertos a todos».

E aconteceram duas coisas: «Juntámos a GNR, a PSP e o SEF na mesma plataforma. Os comandantes eram comissários ou capitães da área. Todos falavam inglês. Eram muito, muito bons. Quase todos disseram: "Esta é a primeira vez que fazemos uma apresentação em inglês"».

«A reação foi muito, muito boa, mesmo muito positiva. E as pessoas que compareceram nunca tinham visto o seu capitão da GNR falar com elas, muito menos em inglês. E tiveram oportunidade de colocar questões, houve debate. Foram os anos dourados, em que lançámos as pedras basilares e ajudámos a unir todos», conta.

Esta vontade - ou mesmo necessidade - de ajudar e proteger o próximo está intimamente ligada à multifacetada vida de David Thomas.

«Nasci em Maio de 1950, o que significa que já estou um bocado velho. Nasci a sul de Londres, num lugar chamado Carshalton, no condado de Surrey, onde cresci e vivi durante 17 anos. Quando completei 17 anos, abandonei a escola e comecei a trabalhar numa empresa de computadores, como programador, com um sistema muito arcaico e completamente diferente do que é agora», conta à Revista DOIS.

«O meu interesse era matemática. Gostava muito de matemática e achei que poderia ser uma carreira

apropriada para mim. Na verdade, não era: achei um pouco entediante, mas era mesmo (risos). Mas foi algo que fiz e só lá estive pouco tempo. Depois entrei para o setor bancário também em Londres. Trabalhei para uma empresa chamada Midland Bank, que já não existe», acrescenta.

Além da matemática, o jovem David tinha outra paixão: a aviação. Esse gosto foi sendo alimentado, ao longo dos anos, enquanto membro dos *Air Cadets* da *Royal Air Force*, um projeto dirigido aos mais jovens.

«São como os escuteiros ou, se preferir, o braço juvenil da *Royal Air Force*».

«Estudámos muitas coisas diferentes, fizemos saídas de campo e tudo mais. Eventualmente, surgiu a oportunidade de aprender a pilotar. Fui selecionado para fazer um curso e tive de estudar matemática e coisas do género. Mas, por algum motivo, o curso não se concretizou, penso que foi cancelado», diz.

Foi nesta altura que David Thomas se focou a 100% na sua carreira profissional, na área da banca.

Mas, alguns anos mais tarde, em 1972, acabou mesmo por entrar para a *Royal Air Force*.

E, apesar de se ter candidatado para navegador, foi escolhido para a carreira de aviação, por causa do seu passado como *Air Cadet*.

«Juntei-me à RAF e tentei aprender a pilotar. Saí-me bem em aeronaves movidas a hélice, sem problemas. Mais tarde, comecei a pilotar sozinho e depois passei para o jato. E o jato significava voar verticalmente para cima e para baixo», recorda.

Quando ia fazer a estreia num avião a jato, David «estava com uma forte constipação», o que lhe dificultava a concentração. «Isto, juntamente com o enjoo provocado pelo resfriado, levou-me a decidir que não queria pilotar mais. Então, sugeriram-me que entrasse para a área militar da Força Aérea, segurança e afins».

No entanto, pouco tempo depois, foram decretados grandes cortes orçamentais no setor da defesa, no Reino Unido, o que «significou a redução de funcionários».

«O meu curso foi cancelado e ofereceram-me um lugar nos serviços de *catering*, cozinha ou administrativos. Eu era um oficial qualificado e achei que isso não era correto. Não se entra para a RAF para fazer *catering* (risos). Então,



PUBLICIDADE

AGUA HOTELS
LAGOS BAY



Um hotel na cidade com olhar no mar e pé na areia

Entre o centro histórico e o areal da Meia Praia, o Água Hotels Lagos Bay é uma casa acolhedora na cidade, aberta ao mar, à praia e aos encantos do Barlavento algarvio.

—

Instalado numa antiga casa senhorial, este pequeno hotel de charme tem 20 quartos exclusivos e guarda a alma do lugar. Mantida a volumetria e a arquitetura tradicional dos terraços e açoteias, no interior foram preservados os tetos trabalhados, a madeira nobre e os detalhes art déco. No Lagos Bay, a história não se apaga, ilumina-se.

—

Na decoração, convive o conforto contemporâneo com móveis originais da casa e peças de cerâmica de época escolhidas como quem procura conchas na praia — com atenção e afeto. O resultado é um espaço onde se respira autenticidade e de onde se pode partir à descoberta da Cultura e da gastronomia da região. Sem pressas!

—

No Água Hotels Lagos Bay o mar está sempre por perto — no horizonte, no cheiro do ar, nas texturas dos interiores. O Lagos Bay é uma casa na cidade, com o olhar no mar e o pé na areia.

despedi-me», conta.

Não sendo um homem de ficar parado, o atual líder da *Safe Communities Portugal* arregaçou as mangas e foi à procura de outra oportunidade. E encontrou-a... em Hong Kong.

«A Polícia de Hong Kong estava a recrutar. Queriam oficiais, pessoas que tivessem servido na polícia ou nas Forças Armadas do Reino Unido, da Austrália ou do Canadá».

Na altura, David já estava casado há dois anos e decidiu, em conjunto com a sua mulher Jane, que vai assistindo à conversa, mudar-se para milhares de quilómetros de distância.

«Juntei-me à Polícia de Hong Kong, como oficial, a 8 de Novembro de 1974, e aí trabalhei durante 31 anos. Foi muito tempo!», considera.

Durante as três décadas em que trabalhou nesta então colónia do Reino Unido na Ásia, David Thomas aprendeu a falar cantonês e lidou com pessoas dos mais variados países e culturas.

«Era uma boa mistura de pessoas. Tínhamos muitos amigos, tanto chineses como de outras nacionalidades», recorda.

Como trabalhador da Coroa Britânica além-fronteiras, o contrato de David Thomas foi assinado «sob os termos coloniais britânicos, o que significava que se trabalhava durante três anos e não se tirava férias. E depois desse período, tirava-se cerca de três meses e meio de férias», explicou.

Era durante estes períodos de férias prolongados que David e Jane costumavam viajar.

Por volta de 1992, e numa altura em que já conhecia vários países, o casal começou a vir para o Algarve e enamorou-se pela região e pelo país. «As pessoas eram todas muito prestáveis, a comida era boa e, na altura, os preços eram muito atrativos. O clima também era bom».

A decisão de comprar casa foi tomada alguns anos depois, no final de mais um período de férias na região, na zona de Boliqueime.

«Em 1995, arrendámos uma propriedade perto de Boliqueime. No último dia das nossas férias, vimos uma propriedade à venda na aldeia de Alfentes. E pensámos: "Ah, é um sítio muito agradável". Na altura, a estrada não era asfaltada e a zona era muito, muito rural. Foi aí que decidimos comprar uma casa», recorda.

Em Janeiro de 1996, uns meses depois, o casal voltou ao Algarve, para efetivar o negócio.

Ainda assim, a mudança definitiva para Portugal aconteceu anos depois.

«Mudámo-nos para a propriedade em Maio de 2005, no ano em que me reformei de Hong Kong. Portanto, este Maio foi um mês importante para nós, porque já cá estamos há 20 anos!», diz, acrescentando: «a nossa experiência de viver aqui tem sido muito positiva».

David Thomas ainda trabalhou, depois de estar em Portugal, quatro anos para a Interpol e num projeto das Nações Unidas, mas acabou por se reformar definitivamente em 2009.

A partir daí, a sua vida tem sido dedicada à *Safe Communities*, que, apesar da sua génese muito focada na segurança

e no contacto com as forças policiais, é hoje muito mais do que isso.

Em 2017, por exemplo, assumiu um papel de destaque na intermediação da comunicação entre as autoridades e a comunidade estrangeira afetada pelo fatídico incêndio de Pedrógão Grande, bem como no apoio a estes cidadãos, papel que voltou a assumir, por exemplo, em 2018, no grande incêndio de Monchique e, mais recentemente, no incêndio de Gambelas, que chegou a danificar casas no Laranjal e na Quinta do Lago.

Este trabalho em prol da comunidade britânica em Portugal valeu-lhe distinções ao mais alto nível, no seu país natal.

A primeira foi a *British Empire Medal*, uma distinção dada pelo Rei ou Rainha, que reconhece ações meritórias, em regime de



PUBLICIDADE

FESTIVAL TERRAS SEM SOMBRA
FESTIVAL DO ALENTEJO

21.ª TEMPORADA
MAR. / DEZ. 2025

**AUTORAS, INTÉRPRETES, MUSAS:
O ETERNO FEMININO
E A CONDIÇÃO DA MULHER
NA MÚSICA (SÉCULOS XIII-XXI)**

**TERRAS
SEM
SOMBRA**

Beja 13/09
Sines 11/10
Odemira 25/10
Vidigueira 29/11

Concerto para os mais novos (e as famílias)
Ferreira do Alentejo 08/07
Concerto-surpresa
Prémio Internacional Terras sem Sombra

As actividades são de acesso livre
Toda a informação em
www.terrassemombra.pt

ORGANIZAÇÃO: PEDRA ANGULAR
ESTRUTURA FINANCIADA POR: REPÚBLICA PORTUGUESA, ISABRA, doARTES
PAÍS CONVIVADO: BIODIVERSIDADE, MÚSICA, PATRIMÓNIO

PUBLICIDADE

INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

O Programa INTEGRAR visa promover o acolhimento e a Integração de cidadãos imigrantes, através de uma metodologia de atuação que promove o esforço das condições de acesso ao emprego dos imigrantes de países terceiros inscritos no IEFP e do trabalho em Parceria.



De acordo com o perfil individual do imigrante, e respetivas necessidades e expectativas, pode ser desenvolvido um conjunto de ações, nomeadamente:

- Diagnóstico e definição de um plano pessoal de emprego e de um plano individual de formação
- Desenvolvimento de sessões de informação sobre temáticas que promovam a integração social e profissional
- Participação em ações de formação profissional
 - Cursos de Português Língua de Acolhimento (PLA)*
 - Formação para aquisição de competências facilitadoras de Integração na sociedade e no mercado de trabalho
 - Formação para aquisição de competências técnicas e profissionais
- Acesso a oportunidades de emprego
- Participação em medidas de apoio ao emprego

*Os cursos PLA destinam-se a cidadãos migrantes, adultos, com idade igual ou superior a 16 anos, desempregados ou ativos empregados, cuja língua materna não é a portuguesa e/ou que não detenham competências básicas, intermédias ou avançadas, de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECL).

Mais informação no site do IEFP www.iefp.pt



voluntariado, de personalidades civis e militares.

Mais recentemente, em 2021, tornou-se membro da Ordem do Império Britânico (*Member of the British Empire*), igualmente por decisão da já falecida Rainha Isabel II. Neste caso, a distinção destina-se a pessoas que tenham prestado serviços de grande valor, de longa duração e impacto significativo.

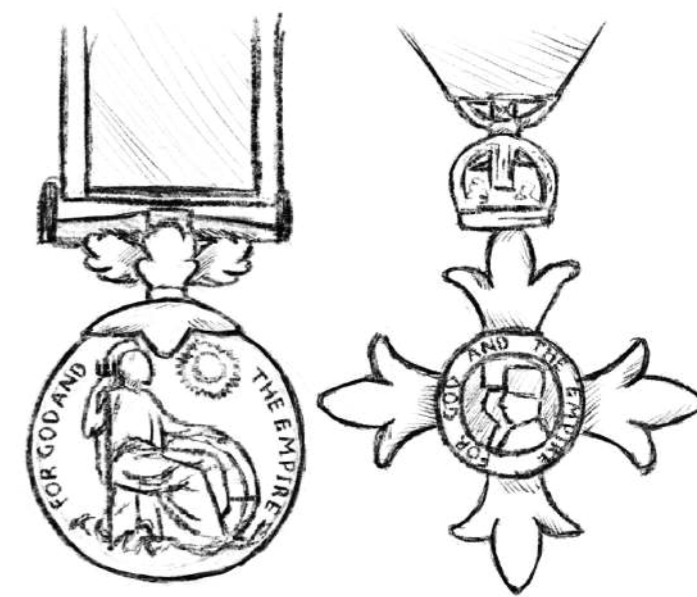
«Aquilo de que mais me orgulho é que estas distinções refletem o trabalho realizado em Portugal, não o trabalho realizado noutros locais. Reflete também, em grande medida, a cooperação existente entre as autoridades portuguesas e os diferentes departamentos governamentais e a *Safe Communities*, sem a qual não poderíamos realizar o trabalho que fazemos».

David Thomas teve, inclusivamente, a oportunidade de receber a distinção mais recente das mãos da Rainha, no Palácio de Buckingham, cerimónia para a qual só poderia convidar a sua mulher Jane.

A alternativa era realizar a cerimónia na residência do Embaixador do Reino Unido, em Lisboa. «Optei por recebê-la aqui, entregue pelo Embaixador, não porque não quisesse conhecer a Rainha, mas porque, desta forma, podíamos agradecer às pessoas com quem trabalhámos, ao longo dos anos».

«Tivemos cerca de 40 pessoas na cerimónia, incluindo um secretário de Estado. No fundo, eram pessoas com quem trabalhámos muito de perto e que deram um grande apoio ao trabalho que fazemos, além de aceitarem algumas das ideias que apresentámos», lembra.

Depois de conversar com David Thomas e de ouvir a sua história, fica no ar uma certeza: enquanto puder, este cidadão britânico, "algarvio" por opção, continuará a criar pontes e a promover a integração em Portugal de pessoas das mais variadas nacionalidades.



“

Aquilo de que mais me orgulho é que estas distinções refletem o trabalho realizado em Portugal

”



CLAY OVEN

UMA VIAGEM À ÍNDIA SEM SAIR DE ALBUFEIRA

Em 1989, quando a família Ruparelia se mudou de Inglaterra para o Algarve, a comunidade indiana era quase inexistente. Natasha recorda-se de ser apenas ela, o irmão, os pais «e mais uma ou duas famílias».

Foram tempos em que se revelava difícil «manter a cultura, na rua». «Tínhamos de nos adaptar», diz, «mas, em casa, ela sempre existiu» e era transmitida pelos pais e pelos avós, que muitas vezes os visitavam.

Quando Natasha nasceu, em 1994, os pais e o

irmão mais velho já se tinham estabelecido em Portugal. Depois de umas férias por cá, decidiram mudar-se em definitivo, inicialmente para Armação de Pêra.

Foi nesta vila do concelho de Silves que abriram o primeiro negócio, uma pizzaria, que mais tarde fecharam. Seguiu-se uma vida ligada ao ramo imobiliário, que mantém, mas, em 2004, «quando as oportunidades nesta área começaram a baixar», fizeram nascer o Clay Oven, já em Albufeira.

Num Algarve aberto para o mundo, não fosse esta uma região que vive do turismo, o Clay Oven revelou ser «um sucesso desde o primeiro dia».

TEXTO E FOTOS:
MARIANA CARRIÇO

O nome do restaurante, em Albufeira, remete para o forno de barro, que utilizam, e que pode atingir uma temperatura de 1000 graus. É lá que são confeccionados todos os pratos Tandoori, como o tradicional pão indiano Naan.

Natasha tinha apenas 10 anos, mas recorda-se bem de que as filas à porta eram constantes.

«Toda a gente queria conhecer, até porque nós abrimos logo com um conceito um bocadinho diferente. Os portugueses não sabiam quase nada de comida indiana e por isso foi bom nós já sabermos falar português. Assim, podíamos explicar a nossa comida e incentivar as pessoas a experimentar coisas novas», conta à DOIS.

Durante 13 anos, o Clay Oven funcionou como um restaurante mais pequeno, com capacidade para 24 pessoas, no interior, e 50, na esplanada. Mais tarde – tendo em conta «a multidão» que se aglomerava todos os dias à porta –, a família percebeu que era preciso um espaço maior.

Uns metros à frente, na Loja B do Edifício Mira Vila, em 2017, abriram aquele que é hoje o restaurante principal, com uma decoração exímia e espaço para 100 pessoas.

Do lado direito, uma das paredes com 50 mil peças exibe Ganesha, deus hindu «que traz sorte, dinheiro e prosperidade», explica Natasha. No teto, candeeiros imponentes com detalhes Swarovski. Ao centro, a cozinha, de onde todos os dias saem centenas de pratos do Punjab, um estado que faz fronteira com o Paquistão e que é coração da comunidade Sikh da Índia.

Neste espaço, onde o lodo se instala nas horas de maior agitação, quem manda é o irmão mais velho de Natasha. «Foi ele que desenhou a cozinha, definiu onde ficavam os fornos, os fogões (...) e é ele que ensina todos os nossos funcionários a fazerem a preparação».

Hoje, o Clay Oven emprega 30 pessoas, todos indianos, para que a experiência seja «o mais tradicional possível».

Em duas décadas, Albufeira passou de ter meia dúzia de restaurantes típicos deste país do Sul da Ásia para serem mais de 70, mas, de acordo com Natasha, isso nunca afetou



Tr
ad
ici
on
al

ALBUFEIRA, AVENIDA DOS
DESCOBRIMENTOS, EDIFÍCIO
MIRA VILA, R/C, BLOCO B,
CCCC, 289 586 868

de forma negativa o Clay Oven.

«Sempre tivemos os nossos clientes regulares. No Verão, muitos turistas, mas no Inverno também estamos sempre cheios com o pessoal de Albufeira e o que vem de todo o Algarve», não esquecendo a clientela indiana.

Criada num Algarve que se foi tornando cada vez mais multicultural, Natasha revela à DOIS que nunca sentiu discriminação e que sempre viu os portugueses como «um povo amável que gosta de cuidar e saber mais».

No início, uma grande percentagem da clientela do Clay Oven era estrangeira, essencialmente ingleses, mas hoje «é 50/50».

«É bonito ver a geração mais nova a querer trazer a família e os avós para provarem os nossos pratos, fazer aniversários aqui (...). Há cada vez mais portugueses a querer experimentar a nossa comida típica», afirma.

Por dia, o Clay Oven serve cerca de 300 refeições. As especiarias vêm diretamente da Índia, todos os outros produtos utilizados na confeção diária são comprados a produtores locais.

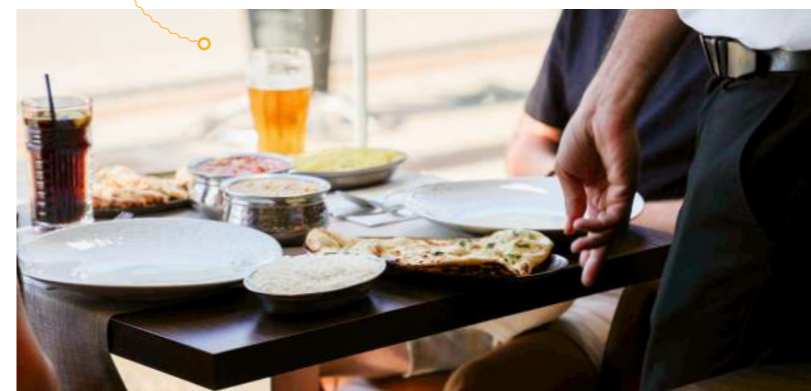
Natasha aponta o Frango Tikka Massala como um dos pratos mais pedidos, mas o curioso é que, da extensa ementa, não há um que não saia com regularidade.

Para começar, o Papadam, servido com molho de cebola e molho de hortelã, o Puri de Camarão, um salteado em especiarias e ervas aromáticas, ou as chamuças.

Seguem-se as especialidades confeccionadas no Tandoor, como o Frango ou o Borrego Tikka, e todas as outras onde o molho ganha destaque e pede como acompanhamento o arroz pilau e o pão indiano Naan.

A sangria e os cocktails são também especialidades da casa.

O Clay Oven não aceita reservas e está aberto todos os dias, das 12h30 às 14h15 e das 18h00 às 23h15. Aos domingos, apenas serve jantares.



मुर्ग टिक्का Frango Tikka

Marinada de Frango em duas etapas

ETAPA 1

Marinada Inicial (Amaciar + Base de Sabor)

INGREDIENTES

- 2 colheres de sopa de gengibre esmagado
- 2 colheres de sopa de vinagre (branco ou de maçã)
- Sal a gosto
- 500g a 1kg de peito de frango, inteiro ou em pedaços
- 5 dentes de alho esmagados

MODO DE CONFEÇÃO

1. Coloque o frango numa taça grande.
2. Junte o gengibre, alho, vinagre e o sal.
3. Misture bem e deixe repousar por, pelo menos, 1 hora (ou até 4 horas para um sabor mais intenso).



ETAPA 2

Marinada Principal (Sabor + Gordura para suculência)

INGREDIENTES

- | | |
|--|--|
| 150g de iogurte grego natural | ½ colher de sopa de cominhos em pó |
| 100ml de óleo de mostarda (ligeiramente aquecido para suavizar o sabor, se necessário) | 1 colher de chá de pimenta chili em pó (opcional, ajustar a gosto) |
| 1 colher de sopa da especiaria garam masala | 1 colher de chá de folhas de feno-grego secas (kasuri methi) (opcional, para um aroma mais profundo) |
| ½ colher de sopa de coentros em pó | |

INSTRUÇÕES

1. Numa taça limpa, misture todos os ingredientes com o iogurte até obter um creme homogêneo.
2. Junte o frango da Etapa 1 e envolva bem.
3. Cubra e deixe no frigorífico para marinar durante a noite (mínimo 4 horas).

MODO DE CONFEÇÃO

Cozinhe o frango totalmente (temperatura interna de 75°C), utilizando um dos seguintes métodos:

- Grelhador ou churrasqueira (ideal para sabor defumado)
- Forno a 200°C durante 25–30 minutos, ou até dourar e estar bem cozinhado
- Frigideira ou grelha em lume médio-alto até ficar bem tostado e cozido por dentro

VEJA A FOTOGALERIA



DICAS

- O óleo de mostarda confere um sabor único — se não tiver, pode substituir por óleo vegetal comum juntamente com um pouco de mostarda em pasta.
- O iogurte grego natural ajuda a amaciar e dá cremosidade ao frango.
- As folhas de feno-grego (kasuri methi) dão um aroma típico de restaurante - altamente recomendado.
- Para um resultado mais suculento, pode usar coxas de frango em vez de peito.

VILA DO BISPO, RUA RIBEIRA DO POÇO, 11, €€€, 282 639 075

RIBEIRA DO POÇO

Um restaurante rústico com mais de 20 anos de história nasceu de um antigo palheiro em ruínas localizado numa das principais ruas de Vila do Bispo.

No menu do Ribeira do Poço não faltam iguarias caseiras como o arroz de tamboril, as lulas recheadas e os peixes e carnes na grelha.

Em terra de mariscadores não podiam falhar também os mexilhões, as lapas grelhadas e os famosos percebes – que até são a estrela de um Festival que decorre todos os anos neste Município, no início do Verão.

Para terminar em grande, é possível adoçar a refeição com uma mousse de chocolate caseira, um pudim ou o tradicional queijo de figo acompanhado de um medronho.

O restaurante está aberto, habitualmente, para almoços tardios e jantares. Nos meses de Julho, Agosto e Setembro funciona das 15h00 às 22h00.



PEPERONCINI

Já ouviu falar do Mogno, Cestaria e Hola Torito? Recentemente, o Grupo Sabores adicionou mais um restaurante à sua família culinária, o Peperoncini.

O restaurante nasce «do amor à cozinha italiana e do prazer de partilhar momentos à mesa».

É do seu forno tradicional italiano que saem as pizzas de massa mãe que fazem as delícias dos clientes.

O menu contempla opções como a tradicional Marguerita, com tomate, mozzarella fior di latte, azeite e manjeriço;



OLHÃO, AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 56, €€€, 965 678 665, GERAL@PEPERONCINI.PT

ou a Dolce Algarvia, que traz frescura com o tomate doce amarelo, amêndoa triturada, creme de figo, presunto Parma 18 meses e manjeriço.

Além disso, há massas variadas, saladas, frango milaneza ou risotto de camarão.

O Peperoncini está aberto de quinta a terça-feira entre as 12h00 e as 00h00.

JARDIM DAS OLIVEIRAS

Quem visita Monchique tem de parar para almoçar num dos seus restaurantes ou ficará com a viagem incompleta.

Opções não faltam, mas é no Jardim das Oliveiras que encontramos o que de melhor a serra algarvia tem para oferecer.

O menu é debitado pelo gerente, logo à chegada. Entre uma piada e outra ficamos a conhecer o cardápio completo e ainda nos são dadas sugestões.

Para abrir o apetite, há enchidos variados, cogumelos selvagens e papas de milho. A refeição poderá prosseguir com o cozido ou javali e, para finalizar, sobremesas caseiras.



MONCHIQUE, SÍTIO DO PORTO ESCURO, €€€, 282 912 874

O Jardim das Oliveiras está aberto de quinta a segunda-feira, das 12h00 às 16h00 e das 18h30 às 23h00.



ALCOUTIM, AVENIDA DUARTE PACHECO, 8, €€

BEIRA RIO CAFETARIA E TAPAS

Uma esplanada convidativa para as noites de Verão, com vista para o Rio Guadiana, em Alcoutim, e um espaço interior aconchegante para os dias mais frios.

No Beira Rio Cafeteria e Tapas, tal como o nome indica, a estrela do menu são os petiscos.

Chouriça assada, asinhas de frango e tabua de queijos e enchidos são algumas das opções.

Para quem procura uma refeição mais composta há também hambúrgueres e tostas.

O Beira Rio Cafeteria e Tapas está aberto de quinta a terça-feira, das 10h00 às 18h00.

PUBLICIDADE

Visite-nos em emarp.pt



Cuidamos do futuro todos os dias.

emarp



ZORBA THE GREEK

Kleftiko, Giaourtlou ou Halloumi Souvlaki. Já ouviu falar nestes pratos? São tudo opções que pode encontrar no novo restaurante de comida grega, em Faro.

O Zorba The Greek abriu em Maio e quis trazer para a capital do Algarve o melhor da gastronomia do Mediterrâneo.

As cores, cheiros e sabores prometem levar cada cliente numa viagem até à Grécia sem ter de sair de Faro.

Neste restaurante também não faltam opções vegetarianas.

O Zorba The Greek está aberto de terça-feira a domingo, para almoços e jantares, das 12h30 às 22h30.



FARO, RUA BRITES DE ALMEIDA, 45,
289 828 075, ZORBAFARO@GMAIL.COM

ENCCI

CARVOEIRO, RAMPA MATO SERRÃO 3,
CCC, 926 408 791

Pense num sítio com bom ambiente, comida saborosa e uma ementa para todos os gostos: assim é o Encci, em Carvoeiro.

Aberto todo o dia, este espaço foi pensado para quem procura um pequeno-almoço tardio e reforçado, um almoço ou até um lanche ou jantar.



As opções de brunch são variadas e vão desde os pratos de ovos, às bowls, passando pelos buns & wraps.

Aqui vai também encontrar sumos de muitas frutas, legumes – e até açai.

À noite, as pizzas são a estrela do menu. Para terminar em grande, há tiramisu de limoncello, cheesecake cremoso com crumble e gelado de amêndoa ou sorbet de morango.

O Encci está aberto todos os dias, das 9h00 às 22h30.



KOR CREATIVES

STRONG BONDS STRONGER BRANDS

A AGÊNCIA QUE TRANSFORMA MARCAS EM CASOS DE SUCESSO

DESIGN PUBLICIDADE

MARKETING DIGITAL

PRODUÇÃO GRÁFICA

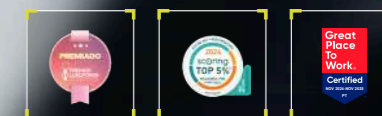
FOTOGRAFIA VÍDEO



INFORMAÇÃO CONFIDENCIAL



A KOR CREATIVES
RESPONSÁVEL
EDIÇÕES DA
REVISTA DOIS.



Bê f @ in p d
KORCREATIVES.PT

CASA AMOR



O AMOR A PORTUGAL
SENTE-SE EM CADA CANTO
DESTA CASA EM OLHÃO

Olhão foi "amor à primeira vista" para Jack e Walter e a casa construída pelo Dr. Pádua, na segunda metade do século XIX, um "diamante em bruto por lapidar" que se viria a chamar "Casa Amor".

Médico, magistrado judicial, músico e também presidente da Câmara de Olhão, José Maria de Pádua deu nome à rua onde agora encontramos este boutique hotel que, apesar de totalmente renovado, manteve os princípios da arquitetura cubista, as cores e muito da sua identidade.

A Casa Amor já teve muitas vidas. Depois de construída e habitada por uma das mais ilustres personalidades de Olhão, foi comprada por uma família de Lisboa e transformada numa pensão «com boa reputação».

Após a morte de Helena, a proprietária, ficou totalmente ao abandono durante 40 anos, até ser salva por Jack e Walter.

O casal de franceses tinha a sua vida bem estabelecida em Paris, com empregos estáveis, mas onde o dia a dia era pautado pela agitação e pelo stress.

TEXTO E FOTOS:
MARIANA CARRIÇO

"QUERÍAMOS MUDAR DE ESTILO DE VIDA E FAZER OUTRAS COISAS",

conta Jack à DOIS. Portugal já não era novidade e sempre foi a escolha, mas Olhão não era primeira opção.

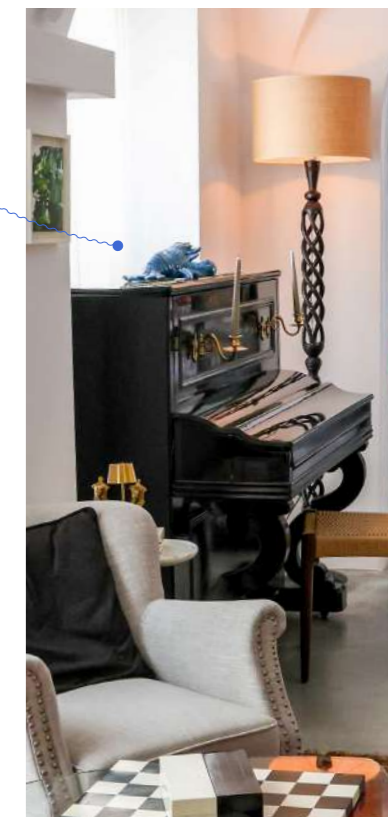
Pensaram em Lisboa, mas acharam que «seria um pouco a mesma coisa que Paris, com muita gente e confusão». Depois desceram para a Comporta, mas não os cativou. Tavira também esteve na lista, contudo, foi quando encontraram esta casa em ruínas em Olhão que perceberam que o futuro passava por ali.

A compra oficializou-se em 2020. Depois, foi preciso um ano para o projeto e outros três para a construção.

Em Março de 2024, deram finalmente a conhecer a Casa Amor ao mundo. «Tranquilidade» é o que querem transmitir a todos os que os visitam - não só aos hóspedes, mas também a quem escolhe os restantes espaços abertos à comunidade para passar um bom momento do seu dia.

«Uma das coisas que sabíamos que queríamos fazer era ter o hotel, mas também abrir outras partes ao exterior e fazer parte da vida local. Com o *coffee shop*, conseguimos isso, porque temos muita gente que vem aqui, de todas as nacionalidades e a muitas horas do dia. Depois, temos também uma pequena galeria de arte e o restaurante, onde servimos os pequenos-almoços dos nossos hóspedes, mas que, esporadicamente, abrimos ao exterior com eventos especiais e *chefs* convidados», explica Jack.

Normalmente, é ele quem dá as boas-vindas a todos os que escolhem a Casa Amor para passar uns dias ou até semanas.





Com o seu sorriso cativante e um sotaque que não deixa dúvida quanto às suas origens, apresenta, com grande orgulho, este alojamento que, em apenas um ano, se tornou «número 1 em Olhão e no Algarve e número 2 em Portugal», no TripAdvisor.

Já o toque de Walter chega aos clientes através das iguarias que confecciona, tanto para os pequenos-almoços, como para quem visita o *coffee shop*.

É que, depois de se despedir da área financeira, o companheiro de Jack decidiu fazer um curso de pastelaria, ainda em França, e foi de lá que trouxe os *croissants* de amêndoa e outros bolos agora tão cobiçados em Olhão.

A decoração exímia da sala de estar, zona de refeições e quartos é trabalho dos dois: tem peças recuperadas da antiga residencial que ali funcionava, um piano dos anos 60 que veio de França, um candeeiro antigo comprado numa feira de velharias da Fuzeta - quase todo o mobiliário de distintas marcas portuguesas.

O *Coffee Shop*, aberto a todos, funciona de terça-feira a sábado, das 9h00 às 15h00.



OLHÃO, RUA DR. PÁDUA 24A, 8700-465,
CONTACT@CASAAMOR-OLHAO.COM
910 669 436



«Para nós, é muito importante estar em Portugal e poder dar uma nova vida a esta casa com uma produção portuguesa, sempre que possível. Investimos muito dinheiro e trabalho aqui, mas não nos arrependemos de nada, ver os nossos hóspedes satisfeitos com a Casa Amor é a maior recompensa que temos recebido», revela Jack à DOIS.

Composta por três pisos, a Casa Amor guarda na açoteia o seu grande segredo. No espaço onde outrora se secava o polvo, os peixes e os figos, existe agora uma piscina de água salgada e um miradouro com vista para a Ria Formosa, o «tesouro» que Jack e Walter fazem questão de dar a conhecer a todos os seus hóspedes.

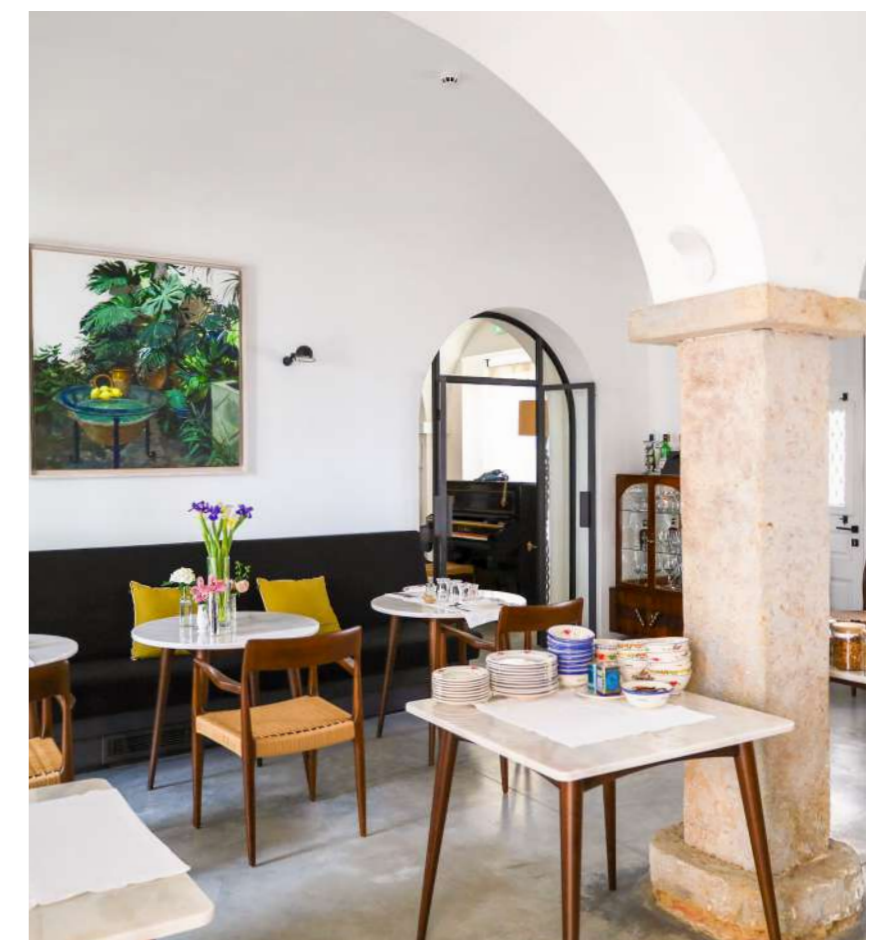
Arranjar disponibilidade para qualquer um dos 10 quartos da Casa Amor não é fácil, nem mesmo em época baixa.

Segundo o casal de franceses, uma das coisas que mais os cativou em Olhão foi ser «uma cidade que vive todo o ano» e onde, mesmo em Dezembro e Janeiro, os cafés, restaurantes e Mercados estão abertos e se pode continuar a caminhar na «maravilhosa Ria Formosa».

Além disso, de acordo com Jack, os hóspedes, que maioritariamente são estrangeiros, aproveitam a «centralidade de Olhão» para conhecer cidades vizinhas, como Tavira, Faro e Loulé.

Jack não tem dúvidas de que quem visita a Casa Amor encontra «uma casa portuguesa, com certeza» e sai de Olhão a conhecer «o verdadeiro Algarve».

Este negócio emprega atualmente 10 pessoas. Uma noite pode custar a partir de 160 euros com pequeno-almoço incluído.



ÁGUA HOTELS LAGOS BAY

De uma antiga casa senhorial no centro histórico da cidade de Lagos nasce o Água Hotels Lagos Bay, o novo boutique hotel do Grupo Água Hotels.

O hotel disponibiliza 20 quartos, incluindo a Grande Suite, antiga sala de visitas da casa, com tetos trabalhados e banheira vitoriana, e os quartos Signature, com vistas panorâmicas.

A sua localização permite ainda que os hóspedes fiquem a poucos minutos das praias e que possam explorar os pontos principais da cidade a pé, dado o fácil acesso às



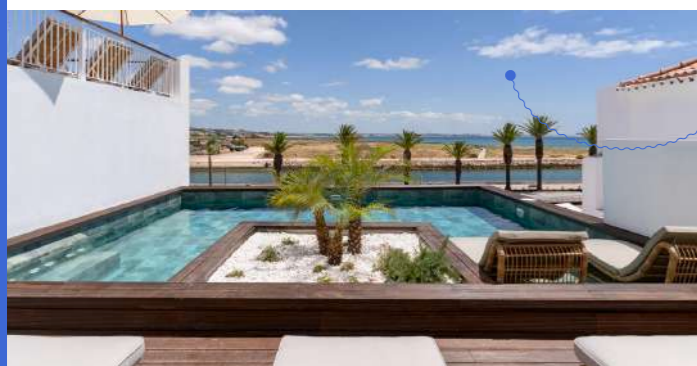
LAGOS, RUA 25 DE ABRIL, 39, 282 103 713

emblemáticas atrações culturais, restaurantes e lojas locais.

A unidade oferece ainda piscina exterior, bar, lounge, zona de pequeno-almoço com esplanada e vista para a Meia Praia.

O Água Hotels Lagos Bay «alia a elegância do estilo Art Déco à autenticidade de um edifício histórico com forte ligação à cidade».

Uma noite neste novo boutique hotel custa a partir de 188 euros.



SALIR, VALE LUÍS NETO.
934 873 425.
INFO@VALELUISNETO.PT

RETIRO DO CALDEIRÃO

Um vale com três casas completamente renovadas e uma área comum que inclui piscina «infinita» de 12 metros, forno a lenha, espaço de barbecue, sala de jogos, entre outras opções: assim é o Monte do Vale Luis Netos – Retiro do Caldeirão.

Situado em plena Serra do Caldeirão, no concelho de Loulé, próximo da Estrada Nacional 2, esta propriedade foi construída pelos avós do atual proprietário em 1918.

100 anos depois, Manuel Pires Rodrigues decidiu dar uma nova vida à casa dos avós, que estava praticamente ao abandono e, em 2021, começou a nascer o projeto.

O Retiro do Caldeirão é atualmente composto pela Casa da Avó (T4 + 1), Casa do Forno (T2) e Casa do Poço (T2).

Os preços começam nos 110 euros por noite nas casas T2 e 250 na casa principal.

As reservas podem ser feitas através no site valeluisneto.pt.



NOVIDADE

PUBLICIDADE

pH 9,5

monchique

MONCHIQUE CAN

A SUA ÁGUA MONCHIQUE AGORA NUMA GARRAFA DE ALUMÍNIO



SAIBA MAIS | SIGA-NOS



aguamonchique.pt

DISPONÍVEL
NOS PONTOS DE
VENDA HABITUAIS



VILA NOVA DE CACELA,
ESTRADA DE SANTA RITA, 36.
910 035 704.
GERAL@CONVERSASDEALPENDRE.COM

CONVERSAS DE ALPENDRE

Relaxamento, contacto com a natureza e descobertas culturais. É isto que promete o Conversas de Alpendre a todos os que o visitam.

Localizado no meio da natureza, mas perto da praia de Cacela Velha, este turismo rural tem a sustentabilidade e o conforto como mote.

Casa na Árvore (duas pessoas), Armazém (dois adultos e três crianças), Cabana (dois adultos), Apartamento Família (dois adultos e 4 crianças), Suite com Terraço (dois adultos), Suite Superior (dois adultos e duas crianças) e Suite com Terraço (dois adultos e uma criança) são as opções de estadia.

Às refeições, a oferta também é variada e vai desde os jantares temáticos aos piqueniques.

Para quem quiser relaxar e conectar-se com a natureza estão ainda disponíveis retiros de ioga e bem-estar.

A oferta de programas é variada e pode ser consultada na totalidade no site do Conversas de Alpendre.

Uma noite pode custar a partir de 159 euros.



ORLA ECO-GLAMPING

TAVIRA, ILHA DE TAVIRA.
281 013 936.
RESERVAS@ORLAECOGLAMPING.COM

Glamping, tendas pré-montadas, alvéolos e *free camping*, arborismo e até cinema ao ar livre: depois de um ano encerrado para obras, o Parque de Campismo da Ilha de Tavira reabre este Verão ao público com um conceito renovado e mais condições.

Jeniffer e Martim Eça Leal nunca tinham pensado investir num Parque de Campismo, mas, quando tiveram conhecimento do concurso lançado pela Câmara de Tavira para entregar a gestão a privados, começaram a idealizar um projeto diferente para aquele espaço.



Os *glampings* (de tipologia T1, que dá para três pessoas, e T2, para cinco) são 26 e as tendas pré-montadas (com capacidade para 2, 3 ou 4 pessoas) 42.

Os preços variam consoante a altura do ano, mas começam nos 90 euros, para os *gamplings*, e nos 50, para as tendas pré-montadas.

O preço do campismo livre começa nos 8 euros por tenda. Além disso, cada ocupante paga um extra (8 euros os adultos e 5 as crianças).

Os residentes do concelho de Tavira têm 50% de desconto nesta modalidade.

O Parque de Campismo conta ainda com uma zona de restauração e supermercado, operados pelo dono do restaurante Come na Gaveta, um dos mais cobiçados da cidade de Tavira.



[DENGUN]

O parceiro certo para transformar, crescer e construir.

A Dengun ajuda empresas e startups a escalar com tecnologia, estratégia e execução. Desenvolvemos produtos digitais, aceleramos marketing e vendas, e lançamos startups com equipas completas.

Startup Studio

Product Builders

Agência Digital



Faro · www.dengun.com/pt-pt/

ROMA

BAKERY

CINNAROMA

OS CINNAMON ROLLS
AO ESTILO AMERICANO
CHEGARAM A LOULÉ

As filas à porta são uma constante desde a abertura do CINNAROMA Bakery, no número 18 da Rua Dom Paio Peres Correia, mesmo no centro histórico da cidade de Loulé, ao lado da Ermida de Nossa Senhora da Conceição.

A novidade é, provavelmente, o que mais tem chamado à atenção dos clientes que por ali passam desde o dia 31 de Janeiro. Mas, depois de provarem os bolos, são poucos os que não querem voltar para repetir a experiência.

Katharina Oliveira e Phillip Zwoll não negam

que «estavam à espera que o negócio corresse bem». Estudaram bastante o mercado e conheciam a qualidade dos produtos que estavam a apresentar, mas a adesão «superou as expectativas».

«Estamos muito gratos por isso. As pessoas adoram e dizem-nos muitas vezes que estava a faltar algo assim, não só em Loulé, mas também no Algarve. Temos muitas pessoas a vir de toda a região», revela Katharina à DOIS.

Nesse mesmo momento, bate à porta um grupo de turistas – e tal não é a desilusão quando percebem que vieram no dia de folga da pastelaria.

TEXTO E FOTOS:
MARIANA CARRIÇO

«Andámos 20 minutos a pé para aqui chegar», dizem. Phillip pede desculpa e pede-lhes que voltem noutro dia, apontando para o horário que está na porta.

«Tem sido sempre assim. Mesmo nos dias de folga, nós estamos muitas vezes aqui a preparar coisas para a semana e as pessoas aparecem para provar os nossos produtos», conta Katharina.

A jovem de 31 anos, filha de pais portugueses, nasceu em Hamburgo, na Alemanha, e foi lá que conheceu Phillip.

São um casal há mais de 10 anos. Já viajaram muito, tiveram vários empregos e em 2022 decidiram mudar de vida.

«Os meus pais têm casa aqui no Algarve e nós, como trabalhávamos em *online marketing* para uma empresa alemã, muitas vezes já o fazíamos de Portugal, mas estávamos cá mais nos meses de Verão», explica à DOIS.

A ideia de se mudarem em definitivo e abrirem a CINNAROMA surgiu depois de uma viagem a Nova Iorque.

«Queríamos mesmo fazer algo novo e foi aí que pensamos que em Portugal sentíamos falta de um bom café e de um bolo para acompanhar. Deixámo-nos inspirar em Nova Iorque e surgiu a ideia dos Cinnamon Rolls e das *cookies american style*», diz Katharina.

Sem qualquer curso em pastelaria, o jovem casal levou quase um ano até chegar à «receita perfeita». «Foram mais de 30 testes até atingir o sabor e textura que queríamos», revelam.

Desde que abriu, a CINNAROMA mantém o menu: seis qualidades de Cinnamon Rolls e outras seis de bolachas, além de todas as opções de bebidas para acompanhar, que vão desde o matcha ao tradicional galão.

«Por enquanto, vamos manter estas 12 opções, mas já



fizemos edições limitadas e vamos testando assim. Preferimos ter poucos produtos e focar na qualidade», explicam.

O *bestseller* é, desde o início, o Cinnamon Roll clássico, com canela. O de pistáchio é o segundo mais pedido, mas as opções incluem também o de Nutella, maçã, biscoff e soft brioche.



LOULÉ, RUA DOM PAIO
PERES CORREIA, 18.
INFO@CINNAROMABAKERY.COM



Katharina e Phillip fizeram a viagem oposta a muitos jovens casais portugueses que, todos os anos, saem do país à procura de uma vida melhor.

A «qualidade de vida» foi um dos fatores que os fez ficar - e garantem não estar arrependidos da decisão.

«Nós sempre tentámos fazer para que tenhamos uma boa vida em qualquer sítio e aqui estamos a conseguir isso.

É uma vida de muito trabalho, mas recompensa», remata Katharina.

Neste momento, a CINNAROMA Bakery está aberta de quarta-feira a sábado, das 09h00 às 14h00. Qualquer alteração é divulgada no Instagram da pastelaria.

Os produtos são todos feitos no dia e, por isso, quem quiser encontrar uma montra recheada deve optar por chegar cedo.



GARVETUR
PROPERTIES & HOLIDAYS

PUBLICIDADE

T. 00351 289 322 488

info@garvetur.pt

PUBLICIDADE

pure
formosa
CONCEPT HOTEL

Designed for
pure relaxation

pureformosa.com

Our Portfolio

HOTEL CIDADE DE OLHÃO
hotelcidadedeolhao.com



SOU.CREATIVE

A SOU.creative nasceu em Dezembro do ano passado, em Faro, como uma loja *pop up* para o Natal, mas a adesão foi tanta que continuou após essa data festiva.

Marta Aragão, empresária na área da tradução e do marketing, e Cristina Carraça, arquiteta paisagista e dona de uma empresa de produção de plantas, juntaram-se para fundar a SOU.creative, uma loja sem limites para a criatividade.

Desde canecas com frases aspiracionais a *tote bags* com bordados nunca vistos: aqui, todas as ideias ganham forma.

A loja está situada no centro de Faro, na Rua Brites de Almeida, nº 18, numa esquina de um prédio antigo recuperado, ali entre o Jardim da Alagoa e o Largo do Pé da Cruz.

A SOU.creative está aberta de segunda a sexta-feira, das 10h00 às 19h00.

FARO, RUA BRITES DE ALMEIDA,
18, 914 900 153.
HELLO@SOUCREATIVE.PT



GRAND CAROB

A história da Grand Carob começou a ser escrita em 2017, quando o algarvio Nuno Alves, na altura contabilista e a viver no Reino Unido, decidiu que queria enveredar por outra área e aproveitar as potencialidades da região que o viu crescer.

Na alfarroba, encontrou uma enorme potencialidade que, na sua opinião, ainda não estava a ser aproveitada



INFO@GRANDCAROB.COM



como devia. Em 2020 saem os primeiros produtos da Grand Carob para o mercado.

Atualmente, as Granolas Crocantes (disponíveis nos sabores de alfarroba laranja e amêndoa; figo e amêndoa; alfarroba e coco; morango e limão e amêndoa) estão disponíveis em mais de 400 pontos de venda em Portugal, Espanha e Suécia,

Há ainda a bebida de alfarroba e amêndoa e outra novidade – já premiada internacionalmente – é o Creme de barra de Alfarroba e Laranja.

Qualquer produto pode ser encomendado através do site da marca (grandcarob.com)

SÃO GELADOS

São gelados de produtos da época, com sabor a tangerina, morango, pistácio, abacate, vinagre balsâmico e até foral.

As opções mudam todos os dias e dependem muito da altura do ano em que visita esta geladaria italiana localizada mesmo no coração da cidade de Olhão, a poucos metros do Mercado.

Ali tudo é fresco - não só por serem gelados, mas porque todas as opções do menu são confeccionadas no próprio dia,



sem qualquer corante ou convergente.

Já os ingredientes vêm de produtores locais.

A São Gelados está aberta de terça-feira a domingo, das 14h30 às 20h00.

OLHÃO, RUA GAIBÉU, 24.
968 506 289.
SAOGELADOS@GMAIL.COM

MERCEARIA DO ALGARVE

Produtos que promovem «os sabores cá da gente» e «a arte de vida à algarvia» é o que se pode encontrar na Mercearia do Algarve, localizada na Zona Industrial do Pateiro, no Parchal, no mesmo local da Conserveira do Arade.

Sabores, tradições e tudo o que de melhor a gastronomia da região tem para oferecer vivem nesta loja desde 2015, ano em que abriu ao público, então na cidade de Portimão.

Na Mercearia do Algarve, é possível comprar produtos avulso ou cabazes, pensados para oferecer a amigos, familiares, colaboradores, etc.

Cada cliente pode criar a sua própria oferta, com produtos doces e salgados.

A Mercearia do Algarve está aberta de segunda a sexta-feira, das 9h00 às 13h00 e das 14h00 às 17h30.



PARCHAL, ZONA INDUSTRIAL
DO PATEIRO, 8. 969 165 178.
MERCEARIAALGARVE@GMAIL.COM



O QUE FAZER

Para poder viver o Algarve em pleno, a DOIS deixa-lhe algumas sugestões.

MUSEU ADEGA DE ODECEIXE

Sabia que em Odeceixe pode encontrar um Museu Adega?

ODECEIXE,
RUA NOVA, N.º 32

CRAZY PAINTBALL ADVENTURE

O Crazy Paintball Adventure Portimão chegou à Mexilhoeira Grandes mesmo a tempo do Verão.

CRAZYPAINBALLPORTIMAO@GMAIL.COM
934 203 042

PASSADIÇOS DE ARMAÇÃO DE PÊRA

Aproveitar os Passadiços entre a Praia Grande e Armação de Pêra para um programa desportivo ou recreativo é sempre uma boa opção.

ORIBÁ - CAFÉ CULTURAL

O Oribá - café cultural nasceu em Abril, no Cineteatro Jaime Pinto, em São Brás de Alportel.

SÃO BRÁS DE ALPORTEL,
AV. DA LIBERDADE 22 A

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DO TERRITÓRIO

Na colina do Revelim de Santo António, em Castro Marim, encontramos o Centro de Interpretação do Território.

CASTRO MARIM

TEAM COOKING SOLIDÁRIO

Uma equipa, uma cozinha e vontade de fortalecer laços e fazer a diferença são os ingredientes necessários para participar no Team Cooking Solidário da Tertúlia Algarvia.

FARO
WWW.TERTULIA-ALGARVIA.PT

MUSEU ADEGA DE ODECEIXE

O concelho de Aljezur é muito procurado pelas suas lindas praias e paisagens naturais, mas por lá também não falta gastronomia e cultura para conhecer.

Sabia que em Odeceixe pode encontrar um Museu Adega que pretende preservar a memória da arte de saber fazer o vinho naquela freguesia onde chegaram a existir simultaneamente mais de 17 adegas?

Inaugurado em 1992, o Museu Adega de Odeceixe apresenta-se agora aos visitantes com um edifício totalmente renovado e uma exposição permanente.

Este museu pode ser visitado autonomamente e é de



ODECEIXE,
RUA NOVA, N.º 32

entrada gratuita. Só é permitida a permanência no interior de até 6 pessoas. As entradas são controladas por um semáforo.

O Museu Adega de Odeceixe está aberto todos os dias. De Novembro a Fevereiro funciona das 9h00 às 17h30 e, de Março a Outubro, das 9h00 às 22h30.



CRAZY PAINTBALL ADVENTURE

O Crazy Paintball Adventure Portimão chegou à Mexilhoeira Grandes mesmo a tempo do Verão.

Esta novidade é composta por uma área de jogo de 5 mil metros quadrados, duas zonas de estacionamento e um espaço de *lounge* coberto, preparado para realização de *briefings*, equipamento dos jogadores e organização de eventos.

O Crazy Paintball Adventure Portimão está vocacionado para a realização de festas de aniversário, eventos de *team-building* para empresas, escolas, despedidas de solteiro e muitas outras atividades de grupo.

As reservas podem ser realizadas através do email crazypaintballportimao@gmail.com ou do 934 203 042



MEXILHOEIRA GRANDE,
CAMINHO BENAVIDES
CRAZYPAINBALLPORTIMAO@GMAIL.COM



ARMAÇÃO DE PÊRA À PRAIA GRANDE



PASSADIÇOS DE ARMAÇÃO DE PÊRA

Aproveitar os Passadiços entre a Praia Grande e Armação de Pêra para um programa desportivo ou recreativo é sempre uma boa opção.

Neste percurso de mais de três quilómetros, poderá passar pela Praia Grande de Pêra, pela Lagoa dos Salgados e terminar junto à Praia dos Salgados, já no concelho de Albufeira.

De bicicleta ou a pé, é um percurso que o convida a aproximar-se da natureza marinha e terrestre.

ORIBÁ - CAFÉ CULTURAL

SÃO BRÁS DE ALPORTEL,
CINETEATRO JAIME PINTO,
AV. DA LIBERDADE, 22 A

O Oribá - café cultural nasceu em Abril, no Cineteatro Jaime Pinto, em São Brás de Alportel, e convida todos os que o visitam a viajar pelos ritmos, sabores e expressões que ligam povos e histórias.

Neste café, que se apresenta como um novo espaço cultural dedicado à lusofonia, a música, arte e cultura ganham vida.

Todos os meses, há uma programação diferente para celebrar a riqueza e pluralidade dos países que compartilham a língua portuguesa.



Por lá pode assistir a espetáculos, mas também beber um café ou comer pão de queijo.

O Oribá está aberto à segunda, quarta e quinta-feira, das 16h00 às 23h00, e à sexta e sábado, das 17h00 à 01h00.



CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DO TERRITÓRIO

Na colina do Revelim de Santo António, em Castro Marim, encontramos o Centro de Interpretação do Território com uma vista 360° para a Reserva Natural do Sapal, Foz do Rio Guadiana e para o concelho vizinho de Vila Real de Santo António.

Neste edifício há ainda um miradouro virtual do concelho sob a forma de maquete 3D, que informa e estimula os visitantes a conhecerem os diferentes patrimónios de Castro Marim: histórico, natural e cultural.

Se quer descobrir mais sobre este concelho algarvia, o Centro de Interpretação do Território pode ser um bom ponto de partida.

As visitas só são possíveis mediante marcação, através do contacto 281 510740 ou do e-mail expediente@cm-castromarim.pt



TEAM COOKING SOLIDÁRIO

Uma equipa, uma cozinha e vontade de fortalecer laços e fazer a diferença são os ingredientes necessários para participar no Team Cooking Solidário da Tertúlia Algarvia.

Esta Associação ligada ao ramo da gastronomia juntou-se à ReFood para incentivar grupos a promover a colaboração, comunicação e criatividade através da confeção de refeições que serão depois doadas a quem mais precisa.

No Team Cooking Solidário, grupos organizados cozinham sob a orientação de *chefs* experientes, com



ingredientes, ferramentas e receitas fornecidas pela Tertúlia Algarvia.

No final, a equipa reúne-se à mesa para saborear os *frutos* do seu trabalho. As restantes refeições são entregues aos voluntários da ReFood.

Esta atividade é desenvolvida nas instalações da Tertúlia Algarvia, em Faro, mediante inscrição prévia.

Mais informações podem ser solicitadas através do site www.tertulia-algarvia.pt

WHITE NIGHT
NOITE BRANCA[®]

ALGARVE

LOULÉ
CENTRO DA CIDADE

30 AGOSTO 2025
20H03

ENTRADA LIVRE

loulé
Aqui e Agora

DE: EU SONHO COM
O QUE POSSO SER.

PARA: EU TORNO-ME
NO QUE SONHO.

etic

ESCOLA DE
TECNOLOGIAS
INOVACÃO
E CRIAÇÃO
DO ALGARVE



FORMAÇÃO EM
DESIGN
VÍDEO
SOM E MÚSICA

MARKETING E COMUNICAÇÃO
PROGRAMAÇÃO
ANIMAÇÃO E VIDEOJOGOS
FOTOGRAFIA

eticalgarve.com
OUTRA PERSPETIVA DO ENSINO